

septuaginta

Guia Histórico e Literário

Esequias Soares

© 2009 Esequias Soares da Silva

Revisão
João Guimarães

Capa
Souto Crescimento de Marca

Diagramação
Sandra Oliveira

Gerente editorial
Juan Carlos Martinez

Iª edição - Agosto - 2009

Coordenador de produção
Mauro W. Terrengui

Impressão e acabamento
Imprensa da fé

Todos os direitos desta edição reservados para:
Editora Hagnos
Av. Jacinto Júlio, 27
04815-160 - São Paulo - SP - Tel/Fax: (11) 5668-5668
hagnos@hagnos.com.br - www.hagnos.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Soares, Esequias
Septuaginta: Guia histórico e literário / Esequias Soares. São Paulo: Hagnos, 2009.

Bibliografia.
ISBN 978-85-7742-058-2

1. Bíblia. A. T. Grego - Versões - Septuaginta I. Título.

09-03861 CDD-221.48

Índices para catálogo sistemático:
1. Septuaginta: Primeira versão grega do
Antigo Testamento: Bíblia: Traduções 221.48

Sumário

ALFABETO HEBRAICO 7
ALFABETO GREGO 9
INTRODUÇÃO 11
1. HISTÓRICO 15
Fontes judaicas helenistas 15
A Carta de Aristeias 15
Fílon de Alexandria 16
Flávio Josefo 17
Aristóbulo 17
Fontes cristãs 18
Questões sobre a origem da septuaginta 19
Paul E. Kahle 22
Paul A. de Lagarde 24
2. OS CÂNONES JUDAICO E ALEXANDRINO 25
O cânon judaico 25
O arranjo do Cânon Judaico 25
A classificação de Josefo 27
Quando o Cânon Judaico foi definido? 29
O cânon alexandrino 31
Os acréscimos 32
O arranjo dos livros 32
Datas de tradução 33
3. A LÍNGUA DA SEPTUAGINTA 37

LÍNGUA HEBRAICA 38
LÍNGUA ARAMAICA 39
LÍNGUA GREGA 39
O dialeto koiné — ἡ κοινὴ διάλεκτος 40
Suas particularidades 41
Nomes próprios 42
O NÍVEL INTELECTUAL DOS TRADUTORES 44
A CRÍTICA DOS ATICISTAS 45
4. A SEPTUAGINTA E O NOVO TESTAMENTO 47
A CHANCELA DE AUTORIDADE DIVINA 47
CITAÇÕES DIRETAS 50
5. OUTRAS VERSÕES GREGAS 55
A SEPTUAGINTA E OS JUDEUS 56
ÁQUILA 57
SÍMACO 59
TEODÓCIO OU TEODOCIÃO 59
QUINTA, SEXTA, SÉTIMA 61
6. AS RECENSÕES 63
A SEPTUAGINTA E O TEXTO MASSORÉTICO 63
AS RECENSÕES 67
A Héxapla 67
A recensão de Hesíquio 68
A recensão de Luciano 69
7. O ANTIGO TESTAMENTO GREGO HOJE 71
OS MANUSCRITOS 71
Codex Vaticanus 71
Codex Sinaiticus 72
Codex Alexandrinus 73
Codex Ephraemi Rescriptus 74
EDIÇÕES IMPRESSAS 74
Edições diplomáticas 76
Edições reconstituídas 76
TRADUÇÃO NAS LÍNGUAS MODERNAS 77
Inglês 77

Espanhol 77
Alemão 78
Francês 78
Italiano 78
Hebraico 78
CONCLUSÃO 79
APÊNDICES 83
ANEXOS 89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 99
BREVE BIBLIOGRAFIA COMENTADA 99
Gramática 99
Léxico 99
Concordância 100
Outros estudos 100
BÍBLIAS 103
OUTRAS OBRAS 105

Alfabeto hebraico

O alfabeto hebraico consta de 22 consoantes que são escritas e lidas da direita para a esquerda, escrevendo-se cada uma das consoantes isoladamente.

	Consoantes			Nome		Som
1.		א	ʾ	ʾalef	ʾ	consoante não audível
2.		ב	b	bet	B	na palavra *boi*
3.		ג	g	guimel	G	na palavra *gato*
4.		ד	d	dalet	D	na palavra *dado*
5.		ה	h	he	H	aspirado como em inglês *house*
6.		ו	w	waw	W	em Washington ou em Walter
7.		ז	z	zain	Z	na palavra *zebra*
8.		ח	ḥ	het	J	na palavra *Juan*
9.		ט	ṭ	tet	T	na palavra *tato*
10.		י	y	yod	I	na palavra *rio*
11.	(ך)	כ	k	kaf	K	na palavra *carro*
12.		ל	l	lamed	L	na palavra *lado*
13.	(ם)	מ	m	mem	M	na palavra *mês*
14.	(ן)	נ	n	nun	N	na palavra *nada*
15.		ס	s	sameḥ	S	na palavra *sinal*
16.		ע	ʿ	ʿayin	ʿ	consoante não audível
17.	(ף)	פ	p	pe	P	na palavra *pato*
18.	(ץ)	צ	ṣ	sade	TS	na palavra *Tsunami*
19.		ק	q	qof	C	na palavra *cada*
20.		ר	r	reš	R	na palavra *rei*
21.		ש	š	š	CH	na palavra *chá*
22.		ת	t	taw	TH	na palavra inglesa *thanks*

As vogais

Os rabinos vocalizaram o texto bíblico consonantal, entre os séculos V e IX, criando vogais em forma de sinais diacríticos sobre, sob e dentro das consoantes para manter o texto bíblico intacto. É o Texto Massorético.

Vogais longas - â (ָ) ê (ֵ) î (ִי) ô (ֹו) û (וּ)
Vogais breves - ā (ַ) ē (ֶ) ī (ִ) ō (ָ) ū (ֻ)
Semivogais - a (ֲ) ĕ (ֱ) ŏ (ֳ)

Alfabeto grego

O alfabeto grego consta de 24 letras, sete vogais e 17 consoantes.

Maiúscula	Minúscula	Nome	Som	
1 — A	α	alpha	A	*a* na palavra *altar*
2 — B	β	beta	B	*b* na palavra *boi*
3 — Γ	γ	gammag	G	*g* na palavra *gato*
4 — Δ	δ	delta	D	*d* na palavra *dedo*
5 — E	ϵ	épsilon	E	*e* na palavra *medo*
6 — Z	ζ	dzeta	DZ	*z* na palavra *azar*
7 — H	η	eta	E	*e* na palavra *atleta*
8 — Θ	θ	theta	TH	*th* na palavra inglesa *thank*
9 — I	ι	iota	I	*i* na palavra *vida*
10 — K	κ	kappa	K	*k* na palavra *casa*
11 — Λ	λ	lambda	L	*l* na palavra *lado*
12 — M	μ	my	M	*m* na palavra *mês*
13 — N	ν	ny	N	*n* na palavra *nada*
14 — Ξ	ξ	ksi	X	*x* na palavra *fixo*
15 — O	ο	ômikron	O	*o* na palavra *tolo*
16 — Π	π	pi	P	*p* na palavra *pato*
17 — P	ρ	rho	R	*r* na palavra *rei*
18 — Σ,	σ, ς	sigma	S	*s* (ς é usada apenas no final de uma palavra)
19 — T	τ	tau	T	*t* na palavra *tato*
20 — Y	υ	hypsilon	Y	*y* ou *u* em caso de ditongo na palavra alemã *müller*
21 — Φ	ϕ	phi	PH	*ph* na palavra *filosofia*
22 — X	χ	chi	CH	*ch* na palavra alemã *ich*
23 — Ψ	ψ	psi	OS	*ps* na palavra *psicologia*
24 — Ω	ω	ômega	O	*o* na palavra *hora*

Introdução

Septuaginta – guia histórico e literário destina-se a oferecer uma interpretação e um panorama histórico e literário da primeira tradução da Bíblia desde a sua origem até os dias atuais, abrangendo história, cânon, língua, texto e edições modernas. Seu objetivo é mostrar a necessidade de se conhecer a Septuaginta para entender o Novo Testamento e saber o que aconteceu com os textos hebraico e grego nos anos que precederam a fixação do Cânon Sagrado do Antigo Testamento.

A primeira versão grega do Antigo Testamento é conhecida como "Septuaginta", termo que vem do latim e significa literalmente "septuagésimo", usado pela primeira vez por Eusébio de Cesareia em *História Eclesiástica*. Agostinho de Hipona foi o primeiro a chamá-la de "Versão dos Setenta", em *A Cidade de Deus*. O termo "Septuaginta" é uma forma abreviada da expressão latina *interpretatio Septuaginta virorum*, "a tradução pelos setenta homens", similar à forma grega κατὰ τοῦ ἑβδομήκοντα "conforme os setenta",[1] ou, οἱ ἑβδομήκοντα "os setenta", todos usados por escritores cristãos do século II para referir-se a todo o Antigo Testamento Grego. Hoje é conhecido também pelo nome de "Versão dos

[1] A expressão grega κατὰ τοῦ ἑβδομήκοντα (*kata tou hebdomekonta*) aparece como nota no livro de Gênesis no *Codex Vaticanus*.

Setenta, Versão de Alexandria", e identificada pelos algarismos romanos "LXX".

A tradução do Pentateuco do hebraico para o grego aconteceu na metade do século III a.C., por 72 eruditos judeus enviados de Jerusalém para Alexandria e, nos séculos seguintes, os outros livros do Antigo Testamento foram traduzidos. Foi um empreendimento cultural sem precedentes na história da civilização ocidental, pois a revelação divina saía do confinamento judaico para se tornar universal, era o pensamento religioso semita à disposição do Ocidente numa língua indo-europeia. A Bíblia de Alexandria representava muito mais que uma simples tradução. Segundo A. Deissmann, "encarnava fundamentalmente a 'helenização do monoteísmo judaico'". Rudolf Kittel, editor da Bíblia Hebraica que leva o seu nome, *Bíblia Hebraica edidit Rudolf Kittel* (BHK), e que veio a ser mais tarde a *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, (BHS) afirmou não se tratar de uma tradução, mas de um "comentário teológico".

Sua influência nos escritores do Novo Testamento foi determinante, servindo de ponte linguística e teológica entre o hebraico do Antigo Testamento e o grego do Novo. Tanto os apóstolos como os antigos escritores cristãos encontraram nela uma fonte de conceitos e termos teológicos para expressar o conteúdo e o pensamento cristão. Ela foi usada pelas gerações de judeus helenistas por todas as partes do mundo antigo. Foi a Bíblia adotada pelos cristãos de língua grega, como disse Agostinho no século V: "a igreja recebeu a versão dos Setenta como se fora única e dela se servem os gregos cristãos, cuja maioria ignora se há alguma outra. Dessa versão dos Setenta fez-se a versão para o latim, é a usada nas igrejas latinas. Serve, ainda, como fonte importante para o estudo da história da Bíblia Hebraica" (*A Cidade de Deus*, livro 18.43).

A LXX foi o Antigo Testamento dos cristãos até que o Ocidente impôs a Vulgata Latina, sendo que a Peshita passou a exercer influência no Oriente e a Versão dos Setenta ficou no esquecimento, tornando-se a Bíblia oficial da Igreja Ortodoxa Grega. Foi a base das principais versões antigas da Bíblia, a começar pela Vetus Latina, seguida das gótica e eslava, sendo as seguintes versões orientais filhas: cóptica, armênia, georgiana e etiópica. A língua cóptica era falada no Egito no período helenista e se dividia em

vários dialetos, existem traduções em todos eles, apenas em sahídico foi traduzido o Antigo Testamento completo. A Vulgata Latina e a versão siríaca Peshita vieram do hebraico.

Com o Renascimento cultural no século XVI, recomeça a busca do texto hebraico, a língua original do Antigo Testamento, e do texto grego do Novo Testamento. Com a retomada do estudo das línguas clássicas, como o grego e o hebraico, por leigos, novamente as Escrituras estavam acessíveis a uma camada de pessoas importantes e influentes. Nesse contexto, a LXX volta a ser lembrada e, nessa época, o cardeal Francisco Ximenes de Cisneros preparou entre 1514-1517 a Poliglota Complutense, conhecida também como "Poliglota de Alcalá". Ela contém a LXX completa, a *Editio Princeps*, tendo a Vulgata Latina no centro da página. Entre 1798 e 1827, foi publicada a edição crítica de Holmes-Parsons com variantes textuais e, em 1850, Tischendorf lançou a sua edição da LXX.

Assim, o interesse pelo estudo da LXX aumentou no século XX, ganhando novo fôlego com as descobertas de Qumran. Diversas edições gregas já foram publicadas e muitas traduções já estão disponíveis para várias línguas modernas como o inglês, o francês, o italiano, o espanhol, o alemão, o japonês, o coreano e até para a língua hebraica. Essas traduções modernas falam por si só sobre a importância da Bíblia de Alexandria.

Estamos falando de uma tradução feita numa época em que o Cânon Sagrado ainda estava se desenvolvendo, o que explica as diferenças entre o Texto Massorético e a LXX, abreviações e expansões, inversão na ordem de capítulos e, às vezes, de versículos. Não é possível saber como os livros do Antigo Testamento foram produzidos, as informações disponíveis são tardias e escassas, mas as evidências indicam que na época de Jesus o Cânon estava definido. O que aconteceu antes não invalidará o valor nem a autoridade das Escrituras Hebraicas e não comprometerá a sua inspiração divina.

A Versão dos Setenta lança luz sobre a história do texto hebraico nos últimos 250 anos que precederam o nascimento de Jesus, mostrando alguns vislumbres sobre o que teria acontecido com os livros do Antigo Testamento na sua redação final. Com isso, ela se constitui uma fonte importante para o estudo da história da Bíblia Hebraica.

As descobertas do mar Morto são a confirmação de que os tradutores da LXX não inventaram nada, tudo o que está no texto grego estava nos substratos hebraicos usados como base na época da tradução. Muitos estudos foram publicados no século XX sobre a LXX, artigos e monografias em escala mundial, edições críticas de livros individuais e de toda a coleção. A Bíblia do judaísmo helenístico e da igreja dos primeiros cinco séculos de sua história é um texto de especial importância na ajuda para interpretar tanto a Bíblia Hebraica como o Novo Testamento.

1

Histórico

As fontes judaicas antigas que contam a origem da Septuaginta são a *Carta de Aristeias*, a obra *De Vita Mosis (Sobre a Vida de Moisés)*, de Fílon de Alexandria, as *Antiguidades Judaicas*, do historiador judeu Flávio Josefo, e alguns fragmentos de Aristóbolo. Muitos pais da igreja mencionam o evento com base direta e indireta nas informações dos citados escritos.

Fontes judaicas helenistas

A carta de Aristeias

É a fonte primária e mais completa. Trata-se de uma obra pseudoepígrafa do judaísmo helenista, conhecida também como *Aristeias* (ou Aristeu) *a Filócrates*, de datação incerta entre 200 a.C e 80 d.C, mas a maioria dos críticos considera sua produção na metade do século II a.C. O texto em si se apresenta como Ἀριστέας Φιλοκράτει "Aristeias a Filócrates". Josefo foi o primeiro a referir-se a ela chamando-a de "o livro de Aristeias".[2] Segundo Fernández Marcos, o termo "Carta" ou "Epístola de Aristeias" só apareceu no século XIV, em um manuscrito de Paris (MACHO, 1983, p. 12).

[2] A edição da CPAD usa a expressão "Aristeu escreveu", mas o texto grego registra: τὸ Ἀριστaίου βιβλίον "o livro de Aristeias" (*Antiguidades*, Livro XII.2.454).

Trata-se de uma narrativa de forma epistolar, intercalada, com diversos diálogos e destinada a Filócrates, seu irmão, em que o autor narra, em primeira pessoa, a sua missão. Esse recurso literário era empregado com frequência na antiguidade para apresentar uma teoria científica, um tratado filosófico ou moral e narração de viagem. O autor conta que o rei do Egito, Ptolomeu IV, Filadelfo, cujo reinado foi entre 285 e 247 a.C., patrocinou a tradução das Escrituras dos judeus para a língua grega.

O rei comissionou o bibliotecário Demétrio de Falero para reunir na Biblioteca de Alexandria a tradução de todos os livros do mundo. Aristeias assistiu à entrevista entre o rei e o bibliotecário, ocasião em que fica comprovado o interesse pela tradução da lei dos judeus. O monarca enviou uma carta para o sumo sacerdote Eleazar, em Jerusalém, solicitando uma cópia do texto hebraico e tradutores para a realização da obra. Enviou, ainda, presentes para o Templo e a notícia de que 120 mil judeus prisioneiros foram libertos por Ptolomeu. O próprio Aristeias fez parte da comitiva enviada à Cidade Santa. O sumo sacerdote retribuiu enviando uma carta e presentes ao rei. Enviou, ainda, uma comissão de tradução formada por 72 piedosos eruditos judeus, seis de cada tribo dos filhos de Israel, cujos nomes são listados na Carta (§ 45-51), que foram recebidos com festa pelo rei em Alexandria.

O relato da Carta afirma que esses 72 levaram 72 dias para concluir a tradução do hebraico para o grego. Terminado o trabalho, Demétrio leu o texto em voz alta para a comunidade judaica, que acolheu com aclamação unânime, proferindo palavra de maldição para quem acrescentasse algo ao texto ou tirasse dele alguma palavra (§ 307-312).

Fílon de Alexandria

Fílon, filósofo judeu de Alexandria (30 a.C.-50 d.C), escreveu sobre a origem da Septuaginta no livro dois de sua obra *Sobre a Vida de Moisés*. Seu relato parece indicar haver outra fonte da origem do texto, pois acrescentou e omitiu algo em relação a Aristeias: não mencionou o número de tradutores nem o tempo que a comissão levou para a tradução. Omitiu a leitura do texto para a comunidade judaica e o nome de Demétrio de Falero.

Fílon acrescentou que os tradutores escolheram o lugar para a tradução, a ilha de Faros (*De Vita Mosis* 2.35), onde os tradutores ficaram isolados um do outro: "Como possuídos pela divindade profetizaram não, uns, uma coisa; outros, outra; senão que os mesmos nomes e palavras, como um apontador[3] invisível lhes sussurrasse a cada um" (*De Vita Mosis* 2.37). Ele deu caráter miraculoso e exagerado à narrativa, porém, considerou a tradução grega como "um único texto" tão inspirado quanto o texto original, isto é, comparável a Moisés, como tradução feita "não por tradutores, mas por hierofantes[4] e profetas" (*De Vita Mosis* 2.40). Em seguida, menciona uma festa e um panegírico celebrados anualmente na ilha de Faros, com duplo objetivo: homenagear o lugar da tradução e agradecer a Deus pela bênção (*De Vita Mosis* 2.41).

Flávio Josefo

Josefo (37-100) nada contribui além do que já existe, reescreve o relato de Aristeias omitindo cerca de um terço dos parágrafos da Carta e a parafraseia, segundo Natalio Fernández Marcos: "no livro doze das Antiguidades parafraseia dois quintos da carta reescrevendo a história em estilo aticista" (MARCOS, 1979, p. 39).

Aristóbulo

Muitos afirmam tratar-se do mais velho dos cinco filhos de João Hircano, da família Hasmoneana, dos Macabeus, morto em 103 a. C, mas não há unanimidade quanto a sua identidade. É geralmente identificado com o preceptor de Ptolomeu II, Filométor, mencionado no livro apócrifo de 2 Macabeus 1.10. Sobreviveram cinco fragmentos e o que nos interessa é citado por Eusébio de Cesareia.[5] Aristóbulo afirma que poetas gregos como

[3] O termo grego usado por Fílon para "apontador" é ὑποβολεύς, "aquele que lembra, que sugere, intérprete" (LIDDELL & SCOTT, 1968, p. 1876).

[4] O termo grego ἱεροφάντης "iniciar, instruir em mistérios" (LIDDELL & SCOTT, 1968, p. 823) não aparece na Septuaginta, era usado para indicar "o que inicia alguém na religião de mistério" ou que ensina ritual, como aparece em Heródoto (*História*, 7.153).

[5] Aristóbulo é citado por Clemente de Alexandria (*Stromata*, livro I, 22.148) e por Eusébio de Cesareia (*Praeparatio Evangelica*, livro XIII,12.1; *História Eclesiástica*, 7.32).

Homero e Hesíodo e filósofos como Pitágoras, Sócrates, Platão e outros abeberaram-se em Moisés e que havia porções do Pentateuco na língua grega, antes de Alexandre, o Grande, "mas a tradução completa de toda a lei ocorreu no tempo do rei de sobrenome Filadelfo" (DINES, 2005, p. 34). A maioria dos críticos discorda da declaração de Aristóbulo, nem sempre ele é mencionado em trabalhos acadêmicos, mas há pesquisadores respeitáveis que aceitam a autenticidade do texto, como E. Bickerman e N. Walter.

Fontes cristãs

O relato de Aristeias reaparece nos pais da igreja. As fontes patrísticas são extensas, mas somente alguns serão mencionados no presente trabalho, como Justino, o Mártir, Irineu de Lião, Tertuliano de Cartago, Clemente de Alexandria, Agostinho de Hipona, Eusébio de Cesareia e Jerônimo.

Justino, o Mártir, em sua primeira *Apologia* 31.2-4, apresenta o mesmo relato sobre a comitiva de Ptolomeu enviada a Jerusalém pedindo que o sumo sacerdote desse uma cópia hebraica da Lei e tradutores para que a transpusessem para o grego: "Ptolomeu pediu, por meio de uma embaixada, que Herodes enviasse homens para verter para a língua grega" (*I Apologia* 31.4).[6]

Irineu de Lião e Clemente de Alexandria contam a mesma história de Aristeias, mas arredondaram o número 72 para 70, como Josefo. Irineu afirma: "Eles, então, que ainda estavam submetidos aos macedônios, enviaram a Ptolomeu setenta anciãos, os mais competentes nas Escrituras e no conhecimento das duas línguas, para executar o trabalho que desejava" (*Contra as Heresias*, livro III, 21.2) e Clemente declara: "todavia, sob o domínio macedônio, elegeram setenta anciãos renomados e peritos nas Escrituras, igualmente conhecedores da língua grega e depois enviaram ao rei com os livros divinos" (*Stromata*, livro I, 22.149).

Tertuliano de Cartago reafirma o relato de Aristeias e menciona o autor da Carta dizendo: "Aristeias também confirmou essas coisas" (*Apologética* 18.7). Eusébio de Cesareia "extraiu aproximadamente um quarto do conteúdo dela nos livros oito e nove de sua obra *Praeparatio Evangélica*" (MARCOS,

[6] Justino confundiu o sacerdote Eleazar com o rei Herodes.

1979, p. 39). O mesmo relato de Aristeias é recontado por Agostinho de Hipona em *A Doutrina Cristã*, livro II, 15.22, e em *A Cidade de Deus*, livro 3, capítulos 42—44. Jerônimo ridicularizou detalhes da Carta, no prólogo do Pentateuco, na Vulgata Latina, mas não negou a sua historicidade.

Questões sobre a origem da Septuaginta

A Carta de Aristeias era tida na antiguidade como texto histórico acrescido de detalhes por Fílon e pelos pais da igreja. Porém, há diversas contradições entre o relato de Aristeias e os demais que se seguiram até os primeiros cinco séculos da Era Cristã. Há pelo menos seis datas diferentes, desde 285 a 265 a.C, atribuídas à tradução. Quanto ao local, apesar de alguns apresentarem outras localidades, a falta de consistência é tanta que não cabe aqui considerá-la. A quase unanimidade gira em torno de Alexandria. O ambiente cultural da época condiz com o contexto apresentado na Carta: "O clima intelectual dominante corresponde perfeitamente com a descrição que a *Carta de Aristeias* faz da corte dos Ptolomeus e as atividades da Biblioteca" (MARCOS, 2008, p. 28). A conclusão da maioria dos críticos é de que se trata de um relato histórico com alguns elementos fictícios ou lendários.

Quanto ao número de tradutores, 70 ou 72, é outro problema que muitos críticos levantam, pois Aristeias afirma que eles representavam as doze tribos de Israel, seis eruditos de cada tribo: "temos escolhido na presença dos ilustres anciãos, seis de cada tribo, e os temos enviado com a Lei, de modo que farás bem, oh! Rei, sim, ordenas que estes homens, tão logo executem a tradução dos livros, sejam devolvidos são e salvos. Saúde" (§ 46), em seguida, menciona seus nomes e no final do § 50 afirma: "num total de setenta e dois", e a Carta declara ainda: "terminaram a obra de tradução em setenta e dois dias" (§ 307). Muitos consideram como algo sensato, mas os críticos mais exigentes acham o número 72 significativo demais para ser simplesmente arredondado, visto que representa as doze tribos de Israel. Por isso alguns, como H. St. J. Tackeray, afirmam que o nome "Versão dos Setenta" ou "Septuaginta" não seria proveniente do número de tradutores.

Luis Vives, um humanista espanhol que viveu entre 1492-1540, foi o primeiro a apontar reservas sobre a historicidade da Carta, apresentando

objeções quanto a sua autenticidade. Depois, em 1606, J. Justus Scaliger (1540-1609) manifestou a mesma dúvida e, um século mais tarde, H. Hody mostrou-se também cético, considerando o autor da Carta um falsário. Sobreviveram cerca de duas dúzias de manuscritos medievais da Carta. Hoje existem traduções em alemão, em inglês, em francês, em italiano, em catalão, em espanhol e em japonês. A primeira edição em língua moderna foi publicada em Leipzig, dividida em 322 parágrafos, em 1900, por L. Mendelsohn-P. Wendland. No mesmo ano, Henry St. John Thackeray publicou uma tradução na obra de Henry Barclay Swete, *Introduction to the Old Testament in Greek*. A última edição de Thackeray da Carta de Aristeias foi publicada em 2003. Em 1962, André Pelletier preparou uma edição bilíngue grego-francês publicada pelas Les Éditions du Cerf, Paris. Fernández Marcos traduziu para o espanhol, publicado em Madri por Alejandro Diez Macho, em 1983, no volume dois da coleção *Apócrifos del Antiguo Testamento*.

O pensamento atual é que alguém procurou se passar por Aristeias, cerca de 100 anos após o período de Ptolomeu Filadelfo, para consubstanciar a ideia de origem miraculosa com o objetivo de tornar a LXX em texto-padrão e, dessa forma, dar consistência ao judaísmo helenista. Em outras palavras, o texto grego seria tão inspirado quanto o hebraico. À luz do § 16, o autor se apresenta como um não-judeu, funcionário grego e adorador de Zeus, mas os críticos são praticamente unânimes ao afirmarem que se trata de um falsário.

Há três interpretações básicas da Carta: a) defesa da tradução grega da Lei; b) propaganda em prol do judaísmo aos gregos e, ainda, c) propaganda do judaísmo destinada aos próprios judeus defendendo as produções judaicas de Alexandria contra os ataques do judaísmo palestinense. A finalidade da Carta não parece necessariamente mostrar a origem da LXX, mas defender a tradução dos ataques dos judeus da Palestina que acusavam seus irmãos da diáspora de usar um texto inexato. Ela é em si mesma uma propaganda judaica da Lei e da Versão dos Setenta.

Estudiosos da primeira metade do século XX afirmaram haver anacronismos no texto de Aristeias e alegaram tratar-se de um texto pseudoepígrafo de ficção histórica e de autor fictício.

> Demétrio de Falero, encarregado da biblioteca do rei, recebeu grande quantidade de dinheiro público para reunir, se possível, todos os livros do mundo. Por meio de compra e transcrições levou adiante, dentro de suas possibilidades, o projeto do rei. Perguntaram a ele na minha presença, aproximadamente quantos milhares de livros já tinham sido colecionados? Ele respondeu: "mais de duzentos mil, ó rei, mas estou me apressando para completar em pouco tempo os quinhentos mil que faltam. Estou informado que os judeus também possuem certas leis que merecem ser transcritas e fazer parte de tua biblioteca. "O que impede", disse o rei, "que faças isso? Tens a tua disposição todo o necessário para o serviço". Porém, Demétrio replicou: "precisa traduzi-las, pois na Judeia utilizam uma escritura peculiar, como os egípcios, possuem seu sistema de letras e também têm sua pronúncia própria. Supõe-se que empregam o siríaco, mas isso é um engano, trata-se de outro dialeto". Quando o rei se informou dos pormenores, deu ordem de escrever ao sumo sacerdote dos judeus a fim de levar a cabo o propósito (§ 9-11).

As "transcrições" são interpretadas como traduções e o termo "síriaco" significa a língua aramaica. Mais adiante, a Carta declara: "Nós decidimos traduzir a vossa Lei para o hebraico, língua usada entre vós, a língua grega, para esses escritos fiquem também junto a nossos livros na biblioteca com os demais livros reais" (§ 38). Aqui, se afirma o propósito real da tradução: pertencer à biblioteca.

Segundo Diógenes Laércio (200-250), em sua obra *Vida de Filósofos Ilustres*, livro V, Demétrio de Falero (354-283) foi discípulo de Teofrasto e este de Aristóteles, que em 298 passou a viver em Alexandria, na corte de Ptolomeu I, Lagos. Este reinou entre 323 e 285 a.C., mas nunca trabalhou com o seu filho, Ptolomeu II, Filadelfo, porque aconselhou o rei a passar o trono para Ptolomeu Keraunos. Assim, o novo monarca, ao assumir o trono em 285, mandou Demétrio para a prisão e depois fez que fosse mordido por uma cobra enquanto dormia. Como as datas dos eventos da época não são precisas, a questão do anacronismo pode facilmente ser superada.

Apesar da influência de Demétrio, segundo Fernández Marcos, ele nunca foi seu bibliotecário e a responsabilidade de restaurar a biblioteca de Alexandria é ficção literária. Ptolomeu II Filadelfo o desterrou em 285 porque foi contra a sua ascensão ao trono (MACHO, 1983, p. 20). Mas Diógenes Laércio faz menção a 45 obras de Demétrio de Falero e isso pode mostrar que sua presença no relato é pertinente: "Assim, como fiel herdeiro de Aristóteles e de Teofrasto, cujo interesse pelas leis bárbaras é bem conhecido, Demétrio se interessava pelas legislações estrangeiras. O seu interesse pela Lei judaica não tem nada de inverossímil" (HARL, DORIVAL, MUNNICH, 2007, p. 45).

Apesar de o próprio texto de Aristeias afirmar que a tradução foi uma iniciativa de Ptolomeu II, ideia ratificada posteriormente pela literatura helenista, rabínica e cristã, e defendida por diversos críticos, Bickerman, Stricker, Barthélemy, dentre outros, contudo, há quem defenda a tese de motivação litúrgica. Segundo Thackeray, a origem da versão grega está vinculada às necessidades litúrgicas da sinagoga num projeto em quatro estágios: primeiramente uma pequena equipe teria traduzido a Lei, no século III a.C., depois os Profetas Posteriores (no Cânon Judaico: Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze Profetas Menores), para a segunda leitura das *haphtaroth*[7] vindo em seguida os Profetas Anteriores e, por fim, os Hagiógrafos. Essa ideia foi descartada pela maioria, pois não há provas da existência das *haphtaroth* no século III a.C. Porém, a teoria de Thackeray foi ampliada incluindo as necessidades educativas. Uns acreditam ser por razões apologéticas, outros, para favorecer o proselitismo. Torna-se difícil apresentar uma boa fundamentação para as teorias modernas. A justificativa apresentada por Aristeias parece mais convincente.

Paul E. Kahle

Ele negou a historicidade da Carta e considerou-a como obra de propaganda de uma edição do Pentateuco, reconhecida pela comunidade

[7] *Haphtharoth*, plural de *haphtarah*, seleção bíblica para a leitura na sinagoga, uma da Lei e outra dos Profetas, comum ainda hoje.

judaica de Alexandria, como texto-padrão, datou-a no século II a.C.[8] Defendeu a ideia de uma revisão de várias traduções gregas, como os targumim aramaicos.[9] Ele, entretanto, reconheceu a existência do trabalho realizado na ilha de Faros, conforme relato de Fílon, mas dizia tratar-se de uma comissão de rabinos eruditos de Jerusalém para revisão. Aage Bentzen é um dos que concordam com Paul Kahle, declarando sobre a LXX: "Esse texto deve ser contemporâneo com a carta, pois ninguém faz propaganda de uma coisa que tem cem anos, ou mais" (BENTZEN, 1968, vol. 1, p. 96).



Paul Ernst Kahle (1875 - 1964).
Fonte: Wikipedia (Hebraico)

A possibilidade de a Carta ser propaganda, defendida por Kahle, torna-se para Bentzen um fato. Considerada, pois, como fato, argumenta que ninguém faz propaganda de algo muito antigo. Todavia, são poucos os

* Paul E. Kahle. Erudito e famoso orientalista alemão (1875 -1964), um dos editores da *BHK* (*Biblia Hebraica Edidit Rudolf Kittel*), edição que precedeu a *BHS* (*Biblia Hebraica Stuttgartensia*).
* Os *targumim* são traduções parafraseadas do Antigo Testamento, do hebraico para o aramaico. A geração de judeus que retornou do cativeiro babilônico falava aramaico, que era a língua oficial do império e utilizada em todos os seus domínios. Eles não entendiam bem a leitura da Lei e dos Profetas, feita em hebraico nas sinagogas. Por isso surgiu a necessidade de explicações orais em aramaico (Ne 8.8). Depois essas explicações foram escritas e são chamadas os *targumim*. "Targum" em hebraico significa "tradução", e "targumim" é o plural, a maioria usa a forma aportuguesada "targuns".

seguidores dessa linha de raciocínio. Hoje essa teoria de Paul Kahle não é mais admitida, Fernández Marcos descarta tal hipótese: "A Septuaginta não é um Targum. Os papiros mais antigos não apresentam formas textuais diferentes senão, em resumo, revisões de um texto comum original" (MARCOS, 2008, p. 39).

Paul A. de Lagarde

Paul de Lagarde, entretanto, defendeu a ideia de um texto único, admitiu a existência de elementos lendários nos relatos de Aristeias, de Josefo e de Fílon, contudo, reconheceu a historicidade do evento.[10] De fato, a Carta é reconhecidamente posterior ao evento da tradução, mas afirma tratar-se da tradução apenas do Pentateuco, e não de todo o Antigo Testamento. Seus seguidores são maioria e Bentzen nada comenta sobre Lagarde e sua conclusão. Emanuel Tov afirma que grande parte dos eruditos segue a linha de Lagarde, enquanto uma minoria, de Kahle. Fernández Marcos conclui: "As modernas edições críticas de Gotinga e os estudos mais recentes confirmam o acerto básico do enfoque de Paul de Lagarde, que preside os critérios editoriais da *Septuaginta-Unternehmen* de Gotinga, sobre o pressuposto de que em sua origem não houve mais que uma tradução de cada livro" (MARCOS, 2008, p. 39). Sobre a edição de Gotinga, o assunto será retomado mais adiante.



Paul Anton de Lagarde (1827 - 1891).
Fonte: http://www.aegyptologie.uni-goettingen.de/gfx/lagarde.gif

[10] Paul Anton de Lagarde, erudito e famoso orientalista alemão (1827-1891).

2

Os Cânones Judaico e Alexandrino

O Cânon da LXX diverge da coleção dos livros sagrados dos judeus, o Cânon Judaico, no arranjo e no conteúdo. É difícil saber exatamente quais seriam os livros desses cânones nas décadas que precederam a Era Cristã.

O CÂNON JUDAICO

Os livros do nosso Antigo Testamento estão classificados em Lei, Históricos, Poéticos e Proféticos. A *Lei* compreende o Pentateuco, os cinco livros de Moisés: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio; os *Históricos*: Josué, Juízes, Rute, 1 e 2Samuel, 1 e 2Reis, 1 e 2Crônicas, Esdras, Neemias e Ester; os *Poéticos*: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos; os *Proféticos*, divididos em Profetas Maiores: Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel e Daniel, e em Profetas Menores: Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

O arranjo do Cânon Judaico

O arranjo dos livros das Escrituras Hebraicas é diferente da LXX e dos demais cânones da primeira parte da Bíblia, pois se constitui de 24

livros. São exatamente os mesmos 39 livros do nosso Antigo Testamento, mas arranjados de forma diferente, cujos livros estão classificados em Lei, Profetas e Escritos ou Hagiógrafos. Os Profetas estão divididos em Anteriores e Posteriores, os Hagiógrafos,[11] em Poéticos, Megilloth e Históricos (Apêndice 1).

O Cânon Judaico é geralmente identificado na literatura antiga por suas três partes que justificam, ainda hoje, o nome dado pelos judeus às Escrituras Hebraicas: תּוֹרָה נְבִאִים וּכְתוּבִים "Lei, Profetas e Escritos", cuja sigla é תנך *(Tanach)*, as iniciais de cada palavra. Parece que o Senhor Jesus se referia a ele em Lucas 24.27, 44: "E, começando por Moisés e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras [...] E disse-lhes: *São* estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, e *nos* Profetas, e *nos* Salmos". É identificado como Texto Protomassorético.[12]

Os doze Profetas Menores são um só livro e, da mesma forma, os dois livros de Samuel, um livro; dos Reis, outro; das Crônicas, outro; e Esdras-Neemias, outro; na totalidade somam 24 livros. A ordem dos livros e a sua classificação na tabela mostram nitidamente as três partes citadas pelo Senhor Jesus: "convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, e *nos* Profetas, e *nos* Salmos" (Lc 24.44). Os Salmos encabeçam os "Escritos", talvez isso justifique o uso desse livro para representar a terceira parte das Escrituras Hebraicas. Isso é mantido ainda hoje no Cânon Judaico. Essa característica tripartida aparece também em Fílon: "As leis, os oráculos dados por inspiração dos profetas e os Salmos

[11] A palavra grega "hagiógrafos" significa "escrituras sagradas" ou "escritos sagrados", vem de ἅγιος "santo, sagrado" e de γραφή "escrito, escritura".

[12] O termo "massorá" ou seu derivado "massorético" é uma palavra hebraica que significa "tradição" e "refere-se ao texto da Bíblia Hebraica desenvolvido e padronizado pelos massoretas, que dotaram o texto consonantal hebraico com sinais vocálicos, com acentos de cantilação e com notas que observam detalhes textuais" (FRANCISCO, 2005, p. 94). O texto Protomassorético é o consonantal usado desde a fixação do cânon até o século IX d.C., quando os massoretas finalizaram a vocalização do texto e os seus ancestrais são os escritos do mar Morto.

e outros livros por intermédio dos quais se incrementa e se aperfeiçoa o conhecimento e a piedade" (*De Vita Contemplativa*, 25), e em Josefo: "Cinco são de Moisés... Os profetas que sucederam a esse admirável legislador escreveram em treze outros livros... e os outros livros contêm hinos e cânticos feitos em louvor de Deus e preceitos para os costumes" (*Contra Ápion*, I.2).

A classificação de Josefo

Sua classificação é um pouco mais específica, na qual separa os livros inspirados e aceitos como sagrados dos demais livros, hoje conhecidos como apócrifos e que continuam na Bíblia Católica por força do Concílio de Trenton.

> Temos somente 22 que compreendem tudo o que se passou, e que se refere a nós, desde o começo do mundo até agora, e aos quais somos obrigados a prestar fé. Cinco são de Moisés, que refere tudo o que aconteceu até sua morte, durante perto de três mil anos e a (sic) sequência dos descendentes de Adão. Os profetas que sucederam a esse admirável legislador escreveram em treze outros livros tudo o que se passou depois de sua morte até o reinado de Artaxerxes, filho de Xerxes, rei dos persas e os outros livros contêm hinos e cânticos feitos em louvor de Deus e preceitos para os costumes. Escreveu-se também tudo o que se passou desde Artaxerxes até os nossos dias, mas como não se teve, como antes, uma (sic) sequência de profetas não se lhes dá o mesmo crédito, que os outros livros, de que acabo de falar e pelos quais temos tal respeito, que ninguém jamais foi tão atrevido para tentar tirar ou acrescentar, ou mesmo modificar-lhes a mínima coisa. Nós os consideramos como divinos, chamamo-los assim; fazemos profissão de observá-los inviolavelmente e morrer com alegria se for necessário, para prová-lo (*Contra Ápion*, I.2).

A Torá. Os 22 livros são os mesmos 24 do atual Cânon Judaico, pois Juízes e Rute formam um livro; Jeremias e Lamentações, outro. "Cinco

são de Moisés" trata-se de referência direta aos cinco livros do Pentateuco: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Temos aí a primeira parte, a *Torá*.

Os Profetas. "Os profetas que sucederam a esse admirável legislador escreveram em treze outros livros." Sem dúvida alguma ele está se referindo à segunda parte, os *Nevyim*, "os Profetas", porém, quais são esses treze livros? Oito já conhecemos: quatro são os Profetas Anteriores: Josué, Juízes-Rute, 1 e 2Samuel e 1 e 2Reis, e quatro são os Profetas Posteriores: Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel além dos doze Profetas Menores. Faltam, ainda, cinco livros classificados por Josefo como "Profetas". Sid Z. Leiman, em sua tese de doutorado no Departamento de Estudos Orientais da Universidade da Pensilvânia, acrescentou os seguintes livros: Jó, Daniel, Esdras-Neemias, 1 e 2Crônicas e Ester (Apêndice 2).

Os outros livros. Evidentemente que esses livros referem-se aos Hagiógrafos, "Escritos Sagrados", em grego (termo usado para designar os *Ketuvim*). Essa classificação de Leiman foi feita pelo processo de eliminação e apresenta certa lógica, pois, se Josefo afirma que "os outros livros contêm hinos e cânticos feitos em louvor de Deus e preceitos para os costumes", temos de identificar quais livros, no Antigo Testamento, apresentam tais características. Se cinco livros são os de Moisés e treze são os livros dos Profetas, sobraram quatro livros: Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos. Dessa forma, fecha o cânon de 22 livros.

Os apócrifos e pseudoepígrafos

Josefo distingue os livros inspirados dos apócrifos: "Escreveu-se também tudo o que se passou desde Artaxerxes até os nossos dias, mas como não se teve, como antes, uma sequência de profetas não se lhes dá o mesmo crédito". Esses livros foram produzidos tardiamente e nunca fizeram parte do cânon sagrado, como não o fazem até a atualidade, na Bíblia Hebraica. Nós os chamamos de apócrifos e pseudoepígrafos. Os católicos chamam os apócrifos de deuterocanônicos e os pseudoepígrafos, de apócrifos. Eles foram reconhecidos pelos judeus de Alexandria como inspirados, quando o cânon judaico já os havia excluído:

> A interpretação tradicional é que os judeus alexandrinos eram mais liberais do que os da Palestina e isto os levou a aceitar a inspiração divina de livros que não tinham a mesma autoridade entre os judeus palestinos. Contudo, também é possível que esses livros tivessem grande autoridade tanto na Palestina quanto na diáspora, e que finalmente foram excluídos do cânon porque se prestavam a interpretações heterodoxas (GONZALEZ, 2004, vol. 1, p. 41).

Era crença dos judeus dos tempos interbíblicos de que a revelação se encerrou com Esdras, mas aguardavam o reavivamento profético com a vinda do Messias. Usavam Joel 2.28-32 e Malaquias 4.5, 6 para fundamentar essa crença. Usavam, ainda, a tese de que não podiam ser aceitos os livros que não fossem escritos originalmente em hebraico, os apócrifos foram produzidos em grego. Essa tese foi usada no Sínodo de Jâmnia.

O termo "apócrifo" vem do grego ἀπόκρυφος, que significa "escondido, secreto, oculto" e era usado para os livros secretos. Essa literatura foi produzida numa época de agitação religiosa e política na vida do judaísmo, entre 300 a.C. e 100 d.C. Os rabinos chamavam esses livros de "os de fora", ou seja, fora do cânon sagrado dos judeus. Cirilo de Jerusalém seguiu o mesmo pensamento, simplesmente substituiu o termo usado pelos rabinos por "apócrifos".

Os livros pseudoepígrafos, palavra que literalmente significa "falso escrito", vêm de duas palavras gregas ψεῦδος, "falso", ἐπιγραφή, "inscrição, título, epígrafe". Na literatura apócrifa, diz respeito aos livros que foram escritos sob um nome fictício.

Quando o Cânon Judaico foi definido?

Muitos críticos afirmam que isso aconteceu no Sínodo de Jâmnia, no final do século I d.C., mas evidências internas e externas parecem retroagir pelo menos 250 anos. Josefo declara ainda: "Ninguém jamais foi tão atrevido para tentar tirar ou acrescentar, ou mesmo modificar-lhes a mínima coisa". Leiman argumenta que essa declaração revela a antiguidade do cânon, pois já existia "muito antes de Josefo ter nascido" (LEIMAN, 1973,

p. 34). De fato, como ninguém jamais ousou tirar ou acrescentar algo do texto se realmente tivesse sido estabelecido recentemente? O discurso de Josefo perderia sua consistência, visto que ele morreu na mesma época do referido Sínodo.

Há evidências bíblicas da existência de um cânon sagrado proveniente de Deus para vida e conduta do povo. Pelo menos o Pentateuco já apresentava essa qualificação, nos dias do rei Josias (2Rs 22.8-13) e na época de Esdras e Neemias (Ed 7.14; Ne 8.1-3). Parece que esses cânones serviram de unidade básica para o cânon definitivo. Segundo a tradição judaica, a formação do cânon desenvolveu-se em três etapas sucessivas: a *Torá*, por volta do século V a.C.; a coleção dos *Nevyim*, segunda parte, depois da ruptura com os samaritanos, no ano 200 a.C.; os *Ketuvim* ou Hagiógrafos, na época dos Macabeus, em meados do século II a.C. Leiman, porém, declara que a tradição rabínica defende a ideia de que o Cânon Judaico atual foi organizado por Esdras. Essa tradição realmente existe, mas não há relevante aceitação desse pensamento entre os eruditos. O registro mais antigo do Cânon Judaico tripartido como o conhecemos retrocede ao século II a.C., é o prólogo do livro apócrifo de Eclesiástico, datado de 132 a.C. O texto registra o seguinte: "Depois de dedicar-se intensamente à leitura da Lei, dos Profetas e dos outros livros dos antepassados". Todavia, a maioria afirma que o cânon do Antigo Testamento já estava definido a partir de 164 a.C.

Quando a cidade de Jerusalém foi destruída, um grupo de judeus foi viver em Yavne ou Jâmnia, do latim *Iamnia*, uma região na faixa de Gaza, entre 70 e 132 d.C.[13] Os rabinos estabeleceram um governo provisório, pois aguardavam a restauração de sua nação naqueles dias. Nessa ocasião, entre os anos 90 e 100 d.C., em Yavne, os rabinos convocaram um sínodo, portanto, muito tempo depois do encerramento do Cânon Judaico. Eles se reuniram para debater sobre a permanência de Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Ester e Ezequiel nesse cânon, mas nada foi alterado. A discussão era se esses livros "manchavam

[13] Essa cidade é mencionada na Bíblia, "quebrou o muro de Gate, e o muro de Jabné" (2Cr 26.6).

a mão", maneira de identificar os livros canônicos. Essa coleção judaica é identificada no presente trabalho como texto "Protomassorético", texto-base que foi padronizado mais tarde e hoje é conhecido como "Texto Massorético", cuja sigla é TM.

Esses cinco livros eram reconhecidos como de procedência divina desde a sua origem pelo povo de Israel. O problema aconteceu com o passar dos séculos, quando as variadas escolas de pensamento no judaísmo levaram alguns a questionar a autoridade de certos livros para adaptar a suas ideias. Diziam haver contradição em Provérbios 26.4, 5; Eclesiastes era demasiadamente cético (1.2, 9, 18); os seguidores da escola de Shammai consideravam excessivamente sensual o livro de Cântico dos Cânticos; o livro de Ester passou a ser questionado por causa da ausência do nome de Deus e Ezequiel porque parecia contradizer a lei de Moisés, principalmente os dez primeiros capítulos. Porém, tais argumentos contrários não puderam prevalecer. A questão não era a aceitabilidade desses livros no cânon, pois já se encontravam nele, a discussão era sobre a sua permanência: "o Sínodo de Jâmnia não definiu o cânon, mas empreendeu uma *revisão*. O cânon na realidade estava terminado antes do tempo do sínodo, tendo o caráter de uma coleção que se originou do uso prático. O sínodo dos rabinos tentou pôr à prova o direito dos livros de estarem no Livro" (BENTZEN, 1968, p. 40).

O cânon dos essênios apresenta todos os livros do Cânon Judaico, exceto o livro de Ester, sendo ignorada a razão de tal ausência, se não fazia parte da coleção ou porque se perdera. As descobertas dos manuscritos do mar Morto, nas cavernas de Uaid Qumran, entre 1947 e 1964, deixaram um saldo de cerca de 200 manuscritos bíblicos do Antigo Testamento, somente o rolo do profeta Isaías, datado do ano 100 a.C., foi encontrado completo, os demais são fragmentos com muitas lacunas, pois se deterioraram com o tempo. Essas cópias foram produzidas entre 250 a.C. e 100 d.C.

O cânon alexandrino

Como já vimos, a LXX é conhecida como o Cânon de Alexandria, cidade onde a tradução foi produzida, e difere do Cânon Judaico na apresentação e no conteúdo.

Os acréscimos

Contém todos os livros do Cânon Judaico, mais os apócrifos e alguns pseudepígrafos. Os acréscimos da LXX são:

1. Sabedoria
2. Eclesiástico
3. Tobias
4. Judite
5. 3 e 4Esdras
6. 1, 2, 3 e 4Macabeus
7. Baruque, sua segunda parte é conhecida como a Epístola ou Carta de Jeremias.
8. Acréscimos ao livro de Ester (10.4—16.24)
9. Acréscimos ao livro de Daniel (Oração dos Três Moços 3.24-90, Suzana 13, Bel e o Dragão 14).
10. Oração de Manassés.

O arranjo dos livros

Desses livros, apenas 3 e 4Esdras, 3 e 4Macabeus e a Oração de Manassés não foram incorporados à Bíblia Católica, no Concílio de Trento (1549-1563). A ordem dos livros da LXX é também diferente; os do Pentateuco mantêm a mesma sequência. Depois disso, seguem os históricos, os poéticos ou sapienciais e, em seguida, os proféticos. A diferença é que os apócrifos aparecem intercalados com os livros canônicos e a ordem dos Profetas Menores diverge um pouco da do Cânon Judaico, e, consequentemente, com o nosso Antigo Testamento. Além disso, os Profetas Maiores aparecem depois dos Profetas Menores, encerrando, assim, o cânon com o livro do profeta Daniel (Apêndice 3).

Há uma lista extensa desses livros apócrifos e pseudoepígrafos, classificados em: históricos, poéticos e sapienciais (alguns classificam como "didáticos") e apocalípticos. No total são 15 livros apócrifos na LXX, dos quais sete são atualmente os conhecidos apócrifos anexados às edições católicas da Bíblia. Jerônimo inseriu-os na Vulgata Latina como apêndice histórico e informativo e não como inspirados por Deus.

Datas de tradução

A Versão dos Setenta, segundo relatos de Aristeias, Fílon e Josefo, não é a mesma Septuaginta que conhecemos hoje, constituída de todo o Antigo Testamento e mais os apócrifos e alguns pseudoepígrafos. O que aconteceu em Alexandria, na corte de Ptolomeu II, foi a tradução apenas do Pentateuco. Toda a discussão levantada sobre a *Carta de Aristeias* diz respeito à *Torá*. É difícil saber como e quando os demais livros foram traduzidos e, do mesmo modo, quando os apócrifos e pseudoepígrafos escritos originalmente em grego foram produzidos. Gilles Dorival aprofunda o assunto no capítulo 3 de *A Bíblia grega dos Setenta*, analisando pormenores de cada livro tendo em consideração a avaliação dos críticos. A ordem apresentada por ele é praticamente a mesma de Fernández Marcos:

> Quanto à data de composição dos diferentes livros, há de ser dito que depois do Pentateuco a tradução dos Profetas Anteriores e Posteriores, e talvez de Salmos. De fato, a tradução de Josué, Juízes, 1-4 Reis, 1-2 Crônicas, Isaías, Jeremias, Ezequiel, os doze Profetas e Salmos pode situar-se no começo do século II a.C.; Daniel, 1-2 Esdras, Jó e Provérbios foram traduzidos no final do século II a.C. Como temos dito, as traduções de Rute, Lamentações, Cântico dos Cânticos e Eclesiastes devem se situar no século I d.C. (MARCOS, 2008, p. 45, 46).

No parágrafo seguinte ele apresenta os apócrifos que foram escritos originalmente em hebraico ou aramaico: "Dos livros que não aparecem na Bíblia Hebraica, alguns foram traduzidos a partir do hebraico ou aramaico e outros foram compostos originalmente em grego. Entre os primeiros figuram Ben Siraque, Baruque, 1Macabeus, Tobias e Judite, e talvez a Carta de Jeremias, todos eles traduzidos provavelmente no final do século II a.C". Ele não apresenta a data da tradução de Ester, mas sabe-se por outras fontes que isso aconteceu em 78 ou 77 a.C. Porém, Gilles Dorival apresenta, na página 89, uma tabela das primeiras conclusões em cinco colunas, dos livros gregos cuja existência é atestada desde o século II a.C. ao século I d.C.

Na primeira coluna, G. Dorival afirma ser a Lei atestada desde o século III a.C.; na segunda, Josué, Juízes, 1 e 2Samuel, 1 e 2Reis, 1 e 2Crônicas, Isaías, Jeremias e Carta de Jeremias, Ezequiel, os doze Profetas Menores e Eclesiástico são atestados desde o século II a.C., sendo que Esdras, Neemias, Salmos e 1Macabeus ainda são de confirmação duvidosa. Na terceira coluna Ester e Jó são atestados no século I a.C., na quarta, Esdras, Neemias, Provérbios, Daniel, Sabedoria e Judite são atestados apenas no século I d.C. Os livros ausentes desde o século III a.C. ao I d.C. são Rute, Tobias, 2-4 Macabeus, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos; Salmos de Salomão, Baruque e Lamentações.

Com base num estudo dos procedimentos de tradução, combinado com a lexicografia, foi possível estabelecer procedência geográfica da tradução de cada livro. Em Alexandria foram traduzidos o Pentateuco, os Profetas Anteriores e Posteriores e alguns dos Hagiógrafos, como Provérbios, Jó, 1 e 2Crônicas, além dos apócrifos 3Macabeus, Baruque e a Carta de Jeremias, ao passo que os demais, como as *Megilloth*, e os apócrifos como Judite e 1Macabeus, foram traduzidos na Palestina. Não se trata de cada livro ter um tradutor, é possível mais de um tradutor, como também é perfeitamente admissível um tradutor traduzir mais de um livro. Alguns especialistas atribuem a Jó e a Provérbios um único tradutor, há, porém, situação em que mais de um tradutor traduziu um só livro, como Samuel, Reis, Jeremias e Ezequiel (MARCOS, 2008, p. 46).

O prólogo do livro apócrifo de Eclesiástico cita uma versão do hebraico para "outra língua" da Lei, dos Profetas e "o restante dos livros". O tradutor desculpa-se pelas falhas na tradução:

> Sois, portanto, convidados a ler com benevolência e atenção e a serdes indulgentes onde, a despeito do esforço de interpretação parecermos enfraquecer algumas das expressões: é que não tem a mesma força, quando se traduz para outra língua, aquilo que é dito originalmente em hebraico; não só este livro, mas a própria Lei, os Profetas e o restante dos livros têm grande diferença nos originais (*A Bíblia de Jerusalém*).

Esse texto é datado do ano 132 a.C., pouco mais de 100 anos após a data da tradução registrada em Aristeias. Trata-se, portanto, de um texto pré-cristão e isso pode comprovar a existência do Antigo Testamento na língua grega, naquela época. Porém, alguns acham que essa informação não garante tratar-se do cânon completo, como o conhecemos hoje.

3

A língua da Septuaginta

A linguística moderna veio mostrar que traduzir um texto estrangeiro não é coisa simples, ainda mais quando se considera o fato de ser um trabalho em que os tradutores não dispunham de um referencial nem de modelo, numa época em que talvez não existisse um léxico satisfatório de hebraico-aramaico e grego. Traduzir é colocar em outra língua a mesma mensagem. Desde muito cedo na história do povo de Deus a revelação divina está à disposição de outros povos na língua de cada um deles.

Não existe na Bíblia o conceito de língua sagrada, algo típico em algumas religiões não-cristãs, como o sânscrito para os hindus, e o árabe para o islamismo. Os muçulmanos sequer reconhecem a tradução do Alcorão em outras línguas, pois, para eles, a suposta inspiração só pode ser mantida na língua original. Desde os tempos do Antigo Testamento até hoje, Deus manifestou-se e manifesta-se a cada um de seus servos em seu próprio idioma. O Antigo Testamento hebraico mostra a evolução da língua hebraica ao longo de sua história, isso comprova que o idioma não ficou estagnado. O hebraico é falado ainda hoje em Israel. O estilo ou nível de linguagem não é de suma importância, o mais significativo é a mensagem, que não pode ser mudada nem corrompida. O desejo de Deus é que o homem conheça a sua vontade e não importa em qual nível de linguagem.

As autoridades religiosas de Jerusalém e os judeus da diáspora aceitaram pacificamente a tradução de suas Escrituras para a língua grega reconhecendo a sua autoridade. O apóstolo Paulo afirma "toda Escritura é divinamente inspirada" (2Tm 3.16). Seria uma referência apenas ao Texto Protomassorético ou estava incluindo o Texto Alexandrino? Fílon de Alexandria reconhecia o mesmo *status* da LXX em relação ao hebraico. Uma das condições estabelecidas em Jâmnia para reconhecimento de inspiração divina de um livro era a sua procedência hebraica. Porém, posteriormente, alguns rabinos consideravam o grego como tendo o estatuto da língua apta a expressar as palavras de Deus, uma língua aceita, ao lado do hebraico, como língua sagrada.

LÍNGUA HEBRAICA

O hebraico pertence à família das línguas que a filologia denominou de idiomas semíticos. O temo hebraico לשון עברית "língua hebraica" veio dos judeus helenistas e é aplicado pela primeira vez à língua de Israel no prólogo do livro apócrifo de Eclesiástico: "é que não tem a mesma força, quando se traduz para outra língua, aquilo que é dito originalmente em hebraico". Assim era também chamada pelos tanaítas (sábios mishnaicos). O nome "língua hebraica" não aparece no Antigo Testamento. O historiador Flávio Josefo chama esse idioma de a "Língua dos Hebreus", e na época em que Israel falava aramaico, período mishnaico, era chamada de "Língua Sagrada" e as Escrituras Hebraicas de "Língua de Canaã" (Isaías 19.18), língua Judaica (2Reis 18.26, 28; Isaías 36.11; Neemias 13.24).

É o idioma em que foi escrito originalmente o Antigo Testamento, exceto Esdras 4.8—6.18; 7.12-26; Daniel 2.4—7.28; Jeremias 10.11 e duas palavras em Gênesis 31.47, que foram escritos em aramaico. Sobreviveu por duas razões: Israel sobreviveu a todas as intempéries da vida ao longo dos quase 19 séculos de dispersão e pelo fato de ser a língua das Escrituras Hebraicas. Em princípio era um dialeto cananeu (Isaías 19.18) com grandes semelhanças com o moabita, fenício e ugarítico. Língua adotada pela família de Abraão no momento em que chegou a Canaã. Veja que em Gênesis 31.47 Labão se expressa em aramaico e Jacó em hebraico. Foi a

língua falada por Israel durante o período bíblico, desde os patriarcas até pouco antes do encerramento do cânon sagrado dos judeus.

Segundo o rabino dr. Frederico Pinkuss, fundador do Curso de Hebraico da Universidade de São Paulo, a palavra *habiru* encontrada nas Cartas de Tel-el-Amarna seria a primeira raiz do nome "hebraico" (PINKUSS, 1948, p.10). A palavra hebraica עברית aplicada primeiramente a Abraão: אַבְרָם הָעִבְרִי "Abrão, o hebreu" (Gênesis 14.13), ou seja, " o que veio do além rio", referência à pátria de Abraão que se localizava além do rio Eufrates (Josué 24.2). Depois esse vocábulo aparece aplicado a José (Genêsis 39.14, 17; 41.12) e, em seguida, à família de Abraão como nome geográfico para identificar a terra dos patriarcas. Disse José: כִּי־גֻנֹּב גֻּנַּבְתִּי מֵאֶרֶץ הָעִבְרִים "porque, de fato, fui roubado da terra dos hebreus" (Gênesis 40.15).

Língua aramaica

O termo אֲרָמִית "aramaico" ou "siríaco" (Daniel 2.4) vem de אֲרָם "Aram, Síria" (2Sm 8.6), a língua pertence, como o hebraico, à família de língua semítica dos habitantes do deserto da Síria. Tornou-se língua franca do Oriente Médio desde a ascensão do império babilônico até o advento de Alexandre, o Grande, mas nem por isso deixou de ser falada pelos judeus que viviam em *Eretz Israel*. E até mesmo depois da destruição do Segundo Templo, em 70 d.C., continuou como língua falada pelos judeus. É muito comum entre os expositores da Bíblia afirmar que Jesus falava aramaico e que essa era a língua de seu povo naqueles dias. Há quatro registros de palavras aramaicas pronunciadas por Jesus no Evangelho de Marcos: "Efatá, isto é abre-te" (7.34); "Talita cumi, que, traduzido: Menina, a ti te digo: levanta-te" (5.41); "Eloí, eloí, lemá sebactâni? Isso, traduzido, é: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (15.34); e "Aba, Pai" (14.36). A última palavra aparece ainda mais duas vezes nos escritos paulinos (Romanos 8.15; Gálatas 4.6). Há ainda outra palavra aramaica no Novo Testamento, "maranata" (1Coríntios 16.22), que significa "O Senhor vem".

Língua grega

O grego é a língua indo-europeia falada na Grécia. Os termos Ἕλλην e Ἑλληνικός "grego" ou Ἑλληνιστής "grego, helenista" vêm de Ἑλλάς,

"Grécia" (At 2.2). Os principais dialetos gregos são: jônico, eólico, dórico, ático e koiné. Jônico é o dialeto de Homero, Hesíodo e Heródoto. Era falado na Jônia, atual Turquia, região onde se localizam Éfeso, Esmirna e Mileto, e na maior parte das Ilhas Cicládicas e nas colônias jônicas. O eólico é dialeto de Alceu e Safo de Lesbos. Falado na ilha de Lesbos, na Tessália, na Beócia e na parte norte da Costa da Ásia Menor. O dórico é o dialeto de Píndaro e Teócrito e das poesias bucólicas e coral. Falado na Magna Grécia, nas ilhas de Creta e Rodes e no Peloponeso. O ático superou os demais dialetos, era falado em Atenas e seus arredores. Nele foram escritas as obras de filosofias como as de Platão e Aristóteles,[14] as tragédias de Ésquilo, de Sófocles e de Eurípides, dos historiadores Tucídides e Xenofonte, dos oradores Lísias, Demóstenes e Esquine e do poeta cômico Aristófanes.

O dialeto koiné - ἡ κοινὴ διάλεκτος

A *koiné dialektos* é o ático com influência estrangeira, como um dos resultados da helenização do mundo mediterrâneo. Com a unificação da Grécia, sob Filipe II, rei da Macedônia, o dialeto ático passou a ser "a língua geral de comunicação entre todos os povos de raça helênica e os que foram helenizados pelo avanço das conquistas do imperialismo macedônico, tendo à frente Alexandre Magno e seus diádocos. A esse ático mesclado de formas jônicas e enriquecido cada vez mais de numerosas expressões da linguagem corrente, o vulgarismo, foi que se chamou 'koiné diálektos' (língua comum), vindo a ser a língua internacional dos centros urbanos do Oriente e do norte da África helenizados (grego vulgar)" – HORTA, 1991, Tomo I, p. 67. Nesse dialeto escreveram Políbio e Plutarco. A LXX foi produzida nessa língua, quando a koiné estava em sua fase inicial. Olivier Munnich afirma: "de maneira geral, pode-se dizer que o léxico dos livros da LXX é o da Koiné alenxandrina, mais popular do que literário" (HARL, DORIVAL, MUNNICH, 2007, p. 221). É o grego do Novo Testamento, dos escritos apócrifos e pseudepígrafos e dos pais gregos.

[14] O dr. Jaime Berenguer Amenós, já morto, professor de grego do Instituto Verdaguer de Barcelona, afirma que Aristóteles escreveu no dialeto koiné (*Gramática Griega*, p. 12).

Suas particularidades

Suas peculiaridades são facilmente observáveis no léxico e na sintaxe. O semitismo é o principal fator natural dessa influência e isso constitui um dialeto à parte. Jaime Berenguer Amenós, em sua *Gramática Griega*, apresenta as particularidades mais notáveis na morfologia e na sintaxe do dialeto koiné (AMENÓS, 2003, p. 248-258); o mesmo fez também Antônio Freire. S. J., em sua *Gramática Grega* (FREIRE, 1987, p. 255-260). Essas peculiaridades envolvem artigo, substantivo, adjetivo, pronomes, conjugação verbal, emprego de preposições, conjunções e partículas; novo significado de palavras gregas, como δόξα "opinião", aparece na LXX como "glória, esplendor" (2Crônicas 7.1).

Quanto à sintaxe, "os períodos se simplificam pelo domínio da coordenação sobre a subordinação das orações; a repetição de partículas como καί, δέ, ἰδου, dá ao estilo soltura, simplicidade e, às vezes, monotonia; o emprego de locuções, modismos e figuras de dicção à moda semítica imprimem um selo novo à língua grega que conhecemos" (AMENÓS, 2003, p. 248). O constante emprego de καὶ ἐγένετο para traduzir o hebraico וַיְהִי "e aconteceu, e havia", é comum na literatura semítica. O texto hebraico de Êxodo 1.7 apresenta a conjunção "e" cinco vezes:

וּבְנֵי יִשְׂרָאֵל פָּרוּ וַיִּשְׁרְצוּ וַיִּרְבּוּ וַיַּעַצְמוּ בִּמְאֹד מְאֹד וַתִּמָּלֵא הָאָרֶץ אֹתָם

וּבְנֵי יִשְׂרָאֵל פָּרוּ - *e* os filhos de Israel frutificaram

וַיִּשְׁרְצוּ - *e* se multiplicaram

וַיִּרְבּוּ - *e* aumentaram

וַיַּעַצְמוּ בִּמְאֹד מְאֹד - *e* cresceram mais e mais

וַתִּמָּלֵא הָאָרֶץ אֹתָם - *e* se encheu a terra com eles

O primeiro *vav* (ו), "e", é conjuntivo, mas os demais são consecutivos.[15]

[15] A função do vav conjuntivo (ו), o conectivo "e", assemelha-se ao grego, latim e até mesmo ao português. O vav consecutivo é chamado também de vav conversivo, é a mesma partícula que vem prefixada às formas do imperfeito dos verbos hebraicos para expressar um passado narrativo, como o aoristo em grego. O vav conjuntivo ou conversivo não é uma partícula independente como no grego καί, ou no latim *et*, ou ainda no português *e*, espanhol *y*, inglês *and*, é, pois, prefixada à palavra seguinte. A frequência dessa conjunção no texto bíblico do Antigo Testamento é reduzida na tradução para

O polissíndeto no texto hebraico nem sempre é mantido em nossas versões, pois depende muito do contexto, da índole da língua para a qual o texto é traduzido e até mesmo do estilo e do nível de linguagem que os editores determinam, tendo em vista o público-alvo que pretendem alcançar. Esse polissíndeto foi mantido na LXX.

Οἱ δὲ υἱοὶ Ισραηλ ηὐξήθησαν καὶ ἐπληθύνθησαν καὶ χυδαῖοι ἐγένοντο καὶ κατίσχυον σφόδρα σφόδρα ἐπλήθυνεν δὲ ἡ γῆ αὐτούς. (O destaque é nosso).

A conjunção "e" nas cláusulas inicial e final foi substituída pela partícula δέ "mas, e",[16] e a partícula καί "e" aparecem três vezes.

A frequência de neologismos é menor do que se pensava até tempos recentes. Muitas palavras novas conhecidas somente na LXX foram atestadas em papiros de datas anteriores ao texto grego do Antigo Testamento. O neologismo, a criação de palavras novas, como δευτερονόμιον "segunda ou repetição da lei" (Deuteronômio 17.18), δευτερολογέω "falar segunda vez", que aparece no livro apócrifo de 2Macabeus 13.22. Há o neologismo apenas semântico, quando se trata de palavra já conhecida que aparece com significado diferente como o verbo grego τελειόω "acabar, cumprir, completar, ser perfeito" passa a ser usado como "consagrar", como na consagração de Arão e seus filhos (Êxodo 29.9; Levítico 8.33).

Nomes próprios

A LXX emprega θεός para os nomes divinos אֱלֹהִים *('ĕlōhîm)* "Deus" e שַׁדַּי *(shadday)* "Todo-poderoso", sendo que Παντοκράτωρ aparece 200 vezes para traduzir Shadai e Tsabaoth, "Exércitos". Albert Pietersma e ou pesquisadores reconhecem que originalmente os tradutores empregaram κύριος "Senhor" para o Tetragrama, mas no século I a.C., o judaísmo palestínico estabeleceu um processo arcaico usando letras hebraicas qua-

---

outras línguas. Nem sempre o que é polissíndeto na língua original é também em nossas versões ou mesmo nas versões antigas como a LXX e a Vulgata Latina.

[16] A partícula δέ significa "mas, e", quando anunciada por μέν *(men)*, pode ser traduzida por "mas, porém", é pospositiva.

dráticas. O rolo dos doze Profetas, encontrado em Naḥal Ḥever, utiliza as quatro consoantes paleo-hebraicas para o nome divino יהוה (YHWH). Segundo Paul Kahle, a substituição da transliteração por κύριος é de origem cristã. Entre os anos 70 e 135 d.C., o uso de *kyrios* passou a ser padronizado tendo a forma abreviada, *nomen sacrum*, por escribas cristãos.

Os escribas cristãos introduziram na LXX o fenômeno do *nomen sacrum*, que já existia nos livros do Novo Testamento, são 15 nomes e termos especiais abreviados por contração com um traço supralinear. Depois se tornaram conhecidos como *nomina sacra*, presentes nos papiros e manuscritos do Novo Testamento e da LXX, como se seguem: θεός, "Deus", aparecem a primeira e a última letra [θ̄c̄]. A mesma coisa acontece com o nome κύριος [κ̄c̄], "Senhor"; Ἰησοῦς [ī̄c̄], "Jesus"; Χριστός [χ̄c̄], "Cristo" e υἱός [ῡ̄c̄] "Filho". Os quatro nomes seguintes são abreviados com as duas primeiras letras e a última: πνεῦμα [π̄n̄a], "espírito"; Δαυίδ [Δ̄Δ̄Δ], "Davi"; σταυρός [σ̄τ̄c̄], "cruz" e μήτηρ [m̄η̄r̄], "mãe". Outros três nomes são abreviados com a primeira e as últimas duas letras: πατήρ [π̄η̄r̄], "pai"; σωτήρ [σ̄η̄r̄], "salvador" e Ἰσραήλ[ī̄η̄λ],"Israel". Os últimos três nomes são abreviados como seguem: ἄνθρωπος [ā̄π̄ο̄c̄], "homem"; ουρανός [οῡπ̄ο̄c̄], "céu" e Ἰερουσαλήμ [ῑλ̄η̄m̄], "Jerusalém". O uso dos *nomina sacra* é menos rigoroso na LXX do que no Novo Testamento. Veja o nome Δαυίδ por extenso no *Codex Vaticanus* (Anexo 5, 97).

As palavras gregas podem terminar com qualquer vogal ou com as consoantes ν, ρ, ς (n, r, s), assim os tradutores ou os judeus de fala grega que precederam a data da tradução do Pentateuco tiveram de estabelecer métodos para verter nomes de pessoas e de lugares. Muitos nomes próprios, de origem semita, não são flexionáveis como Ἀδάμ, "Adão"; Ἀβραάμ, "Abraão"; Δαυίδ, Davi; Ἰσραήλ, "Israel", dentre outros. Os nomes próprios hebraicos que terminam em יָהּ- *(yah)* são flexionáveis e apresentam a forma semelhante ao substantivo νεανίας, "moço" como: Οὐρίας, "Urias"; Ἐζεκίας, "Ezequias"; Ὀζείας, "Oseias". Outros, contudo, receberam na desinência -ς, como Μανασσῆς, "Manassés"; Ἰωνᾶς, "Jonas"; Μωϋσῆς, "Moisés", e Ἰησοῦς, "Jesus".

O nome de Josué, em hebraico יְהוֹשֻׁעַ בִּן־נוּן *(Yehoshua bin Nun)*, "Josué filho de Num" (Números 13.16); ou יְשׁוּעַ בִּן־נוּן *(Yeshua bin Nun)*, forma

usual do período pós-exílio (Ne 8.17). A LXX usa o nome Ἰησοῦς para Yehoshua ou Yeshua, sendo que em 1Crônicas 7.27 emprega Ιησουε, "Josué".

O NÍVEL INTELECTUAL DOS TRADUTORES

Os sacerdotes de Jerusalém mantinham contato com os judeus helenistas da diáspora e tinham perfeito domínio da língua grega. As comunidades judaicas da Palestina mantinham estreitas relações com Alexandria durante o século III e o grego se tornara a única língua usual dos judeus do Egito. Provavelmente, o vocabulário religioso se fixou aos poucos por meio de prática oral na comunidade judaica alexandrina como πάσχα, "Páscoa" e σάββατον, "sábado" na língua grega. Segundo Olivier Munnich: "Os tradutores do Pentateuco encontraram, antes mesmo de iniciar seu trabalho, senão um léxico bilíngue elaborado na comunidade judaica alexandrina, pelo menos hábitos de equivalência entre os termos hebraicos e gregos. É provável que o léxico da LXX não nasceu somente da invenção dos tradutores" (HARL, DORIVAL, MUNNICH, 2007, p. 207).

A língua grega contém mais de um milhão de palavras e é muito rica em termos específicos para assuntos abstratos e filosóficos e para descrever a vida política, ao passo que o repertório hebraico do Antigo Testamento é de apenas oito mil vocábulos. Mesmo assim, o léxico hebraico é mais rico em assuntos espirituais, como a humildade humana diante de um Deus onipotente, há também um número muito maior de palavras para expressar a benevolência que um hebreu pode esperar de um Deus misericordioso. O vocabulário hebraico é também mais amplo para nomear as diversas categorias de pequenos animais domésticos e até de diversas categorias de carneiros e bovinos. Essas diferentes culturas dificultavam a tradução de uma palavra hebraica de índole própria, sem correspondência precisa na língua grega, por isso que muitas vezes um termo grego é usado para traduzir diversos vocábulos hebraicos, com um sentido específico para cada contexto. O verbo grego ποιέω, "fazer, realizar, etc." traduz 118 verbos hebraicos. A *Concordance Hatch and Redpath* traz essa lista com as respectivas referências bíblicas e também dos apócrifos.

Os críticos são praticamente unânimes quanto ao excelente conhecimento do grego e do hebraico dos tradutores do Pentateuco, pois eles verteram com sutileza e em excelente grego koiné as nuanças do texto hebraico. A crítica moderna, no entanto, não é nada benevolente com relação aos tradutores dos demais livros da LXX, os pesquisadores os consideram de competência desigual observada no estudo, livro por livro. Emanuel Tov apontou ignorância dos outros tradutores afirmando que alguns deles chegaram até a "adivinhar" o sentido das palavras hebraicas pelo contexto ou usando termos gregos vagos ao passo que em hebraico são bastante precisos.

A crítica dos aticistas

A presença de sintaxe semítica e de neologismos para expressar conceitos judaico-cristãos chamava a atenção do leitor. Essa forma de se expressar coincidiu com o apogeu do aticismo, na segunda metade do século I d.C. Os opositores ao cristianismo, como Celso e Porfírio, costumavam chamar o estilo da literatura bíblica de "língua bárbara" da Bíblia, pelo escasso nível artístico, e isso para atacar a fé judaico-cristã. Orígenes, no entanto, respondeu a Celso mostrando que os apóstolos não estavam interessados em ensinar a humanidade com a exibição métrica e artística, afirmando:

> Um exame sensato e criterioso da condução dos apóstolos de Jesus mostra que, pelo poder divino eles ensinavam o cristianismo e conseguiam submeter os homens à Palavra de Deus. Não possuíam nem (sic) eloquência natural nem ordenação de sua mensagem conforme os procedimentos dialéticos e retóricos dos gregos, que seduzem seus ouvintes. Mas me parece que se Jesus tinha escolhido homens sábios diante da opinião pública, capazes de entender e expressar (sic) ideias apreciadas pelas multidões, para deles fazer os ministros de seu ensinamento, daria com razão ensejo à suspeita de ter pregado conforme método semelhante aos filósofos chefes da escola, e o caráter divino de sua doutrina não teria aparecido em toda a sua evidência. Sua doutrina e pregação teriam consistido

> em discursos persuasivos da sabedoria com o estilo e a composição literária (*Contra Celso*, I.62).

Na verdade, se os escritores bíblicos estivessem preocupados com os artifícios retóricos e dialéticos dos gregos, o Senhor Jesus teria fundado uma nova escola filosófica.

4

A Septuaginta e o Novo Testamento

A LXX foi a Bíblia do judaísmo helenista e dos apóstolos e dos cristãos dos primeiros cinco séculos, como escreveu Agostinho de Hipona: "a igreja recebeu a versão dos Setenta como se fora única e dela se servem os gregos cristãos, cuja maioria ignora se há alguma outra" (*A Cidade de Deus* 18.43). Sua presença no Novo Testamento não consiste apenas nos trechos citados de maneira direta, mas também na influência que ela exerceu sobre os apóstolos e os escritores cristãos que se seguiram.

A chancela de autoridade divina

Encontramos no Novo Testamento citações do Talmude, da literatura apocalíptica judaica e da literatura pagã, mas nenhuma dessas obras jamais foi reconhecida interna ou externamente como inspirada. A simples citação de um livro no Novo Testamento não é, em si, uma prova definitiva de sua autoridade como Escritura. Exceto se tal citação vier acompanhada da chancela de autoridade divina, como: "está escrito, diz a Escritura, para cumprir o que foi dito pelo profeta", ou fraseologia similar que identifique tal obra como parte das Escrituras Sagradas. A simples citação não é suficiente.

O apóstolo João fez menção da Festa da Dedicação, dos judeus (Jo 10.22), a Festa de *Chanuka*, que é comemorada ainda hoje. Essa festa foi instituída por Judas Macabeus, quando purificou o Templo de Jerusalém. Foi um fato histórico e está registrado em 1Macabeus 4.36. Josefo também registrou esse episódio. Mas o apóstolo não está se referindo ao livro dos Macebeus, está falando simplesmente sobre a resposta de Jesus aos judeus por ocasião dessa festa.

O apóstolo Paulo citou o Talmude ao mencionar os nomes de Janes e Jambres (2Timóteo 3.8). O texto é uma referência a Êxodo 7.11, quando Faraó chamou os encantadores para imitar os feitos de Moisés, mas não uma citação direta, no entanto, em nenhum lugar do Antigo Testamento traz o nome desses magos do Egito. Esses nomes aparecem no Talmude e no Targum de Jonathan. Ele citou também um escritor pagão no seu discurso em Atenas: "[...] como também alguns de vossos poetas disseram: somos também sua geração" (Atos 17.28). Isso é uma citação de Aratos, um poeta da cidade de Soli, na Cilícia, que viveu por volta de 300 a.C., expressão tirada da obra *Phaenomena 1.5 (Fenômenos 1.5)*. Referiu-se ainda a outro escritor pagão, Epimênides, de Cnossos, um dos sábios da antiga Grécia, que viveu por volta do século VI a.C. (Tito 1.12). Judas citou duas passagens dos livros pseudoepígrafos, Assunção de Moisés (Judas 9) e 1Enoque (Judas 14), que fazem parte da literatura rabínica apocalíptica.

O termo "está escrito" é a plena e total garantia de infalibilidade. Isso encerra a suprema autoridade divina das Escrituras Sagradas em contraste com outras produções literárias. Isso é comum nos escritos dos essênios e na literatura apócrifa, quando se refere aos escritos bíblicos, e até na própria Bíblia, quando o escritor sagrado faz menção de outros livros sagrados.

A expressão hebraica כַּכָּתוּב "como está escrito", usada nos textos pós-exílio do Antigo Testamento (2Crônicas 30.5,18; Esdras 3.4; Neemias 8.15), e nos documentos do mar Morto, marca de maneira definitiva a autoridade dos livros sagrados. "Está escrito" é usado pela comunidade de Qumran apenas quando a referência é aos livros autorizados. Isso aparece nos textos descobertos com referência aos livros de Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, os Profetas Menores e em Salmos. A Versão dos Setenta emprega

a expressão grega κατὰ τὸ γεγραμμένον para traduzir *kakathuv* em Esdras 3.4 e Neemias 8.15, mesma expressão usada pelo apóstolo Paulo em 2Coríntios 4.13: "como está escrito: Cri; por isso, falei", uma citação do salmo 116.10, tirada da própria LXX [15.1]. Mas o apóstolo usa com frequência a expressão καθὼς γέγραπται, "como está escrito", referindo-se à Versão de Alexandria das edições conhecidas atualmente (Romanos 2.24; 3.4; 9.33 => Isaías 52.5; Salmo 51.4; Isaías 28.16) e a citações que não se sabe se procedem de um texto modificado depois pelas sucessivas revisões.

A LXX revela como os rabinos da época da tradução de cada livro entendiam o texto, eles eram também teólogos, além de tradutores, como afirmou Rudolf Kittel, para quem não se trata de tradução, mas de um comentário teológico. Não seria exagero considerar a Versão dos Setenta como primeiro comentário do hebraico. O Novo Testamento foi escrito em grego seguindo o mesmo estilo do Antigo Testamento grego de Alexandria com numerosos casos de semitismo, lexicais e sintáticos. Os apóstolos viram nela uma fonte inspiradora para a construção de seus relatos buscando inspiração linguística.

A LXX serviu de ponte linguística e teológica entre o hebraico do Antigo Testamento e o grego do Novo. Não somente os apóstolos, mas também os antigos escritores cristãos encontraram nela uma fonte de conceitos e termos teológicos para expressar o conteúdo e o pensamento cristão. Serviu não somente de ponte linguística, mas também como elo entre o Antigo e o Novo Testamento.

Os tradutores verteram o termo hebraico מָשִׁיחַ, "ungido, Messias", por Χριστός, "Cristo", em passagens que anunciam a vinda de um Messias pessoal (1Samuel 2.35; Salmo 2.2; Daniel 9.26). Porém, nem todas profecias messiânicas registradas no Texto Massorético estão presentes na LXX, como Oseias 11.1: "do Egito chamei a meu filho", cumprida no Novo Testamento (Mateus 2.15), aparece modificado: "seus filhos". O mesmo acontece com Isaías 9.6 divergindo das Escrituras Hebraicas: "é chamado o seu nome anjo do grande conselho, pois eu darei a paz aos príncipes, a paz e a saúde para eles". Historiadores antigos do helenismo mencionam "um eclipse do messianismo na época helenística", Fílon de Alexandria cita esse fato. Isso talvez explique a ausência da ideia messiânica nessa profecia de

Isaías. A expectativa da vinda do Salvador não é fruto da Versão dos Setenta, essa esperança vem do Cânon Judaico.

CITAÇÕES DIRETAS

As edições modernas do Novo Testamento Grego fornecem uma lista de referências diretas e indiretas do Antigo Testamento. Trata-se de uma lista numerosa: o livro de Salmos é o mais citado, seguido de Isaías, Êxodo e Deuteronômio e muitas citações são da LXX. Ela era o texto-padrão das "Escrituras" das sinagogas espalhadas pelo mundo romano, para atender às necessidades do judaísmo helenista e os judeus de fala grega, e, também, na pregação do evangelho durante os trabalhos missionários do apóstolo Paulo entre os gentios.

O apóstolo Paulo aparece disputando com os judeus da diáspora sobre as Escrituras, na sinagoga de Tessalônica: "[...] e, por três sábados, disputou com eles sobre as Escrituras" (Atos 17.2). Estaria ele usando Escrituras Hebraicas ou a Versão dos Setenta numa discussão com os judeus de fala grega? Durante a visita de Paulo e Barnabé à sinagoga de Antioquia da Pisídia, o relato de Atos menciona uma prática lá realizada, a leitura das Escrituras Sagradas: "Depois da leitura da lei e dos profetas, os chefes da sinagoga mandaram-lhes dizer: Irmãos, se tendes alguma palavra de exortação ao povo, dizei-a" (Atos 13.15). É a prática das *haphtaroth*. Assim, os livros sagrados de sua religião estavam disponíveis na língua franca do mundo romano, no período áureo do judaísmo helenista.

A Versão dos Setenta circulava também na Palestina, pois havia sinagogas em Jerusalém onde podiam ouvir a leitura em grego. Nem mesmo em Israel o texto grego de Alexandria estaria de fora, pois em Atos há menção da presença dos judeus helenistas na Cidade Santa: "Levantaram-se, porém, alguns dos que eram da sinagoga, chamada dos libertos, dos cireneus, dos alexandrinos e dos da Cilícia e Ásia, e disputavam com Estevão" (Atos 6.9).

Estêvão discursou para judeus helenistas e dificilmente usaria o Cânon Judaico nas citações diretas do Antigo Testamento. Nessa pregação ele se refere três vezes ao livro de Gênesis, nove, ao de Êxodo, uma vez ao

de Deuteronômio, uma ao livro de Amós e outra ao profeta Isaías. Delas, apenas uma parte do trecho de Amós 5.25-27 veio da LXX (Atos 7.42, 43). Por que somente a citação do profeta Amós veio dela? É difícil responder com precisão a essa pergunta, porque não é possível saber quais textos estavam disponíveis, visto que a LXX já manifestava diversas formas textuais ao chegar às mãos dos cristãos. Fernández Marcos afirma que nas últimas décadas foram identificadas com características coerentes e sistemáticas as revisões *kaige* e protoluciânica, como principais textos gregos que circulavam no século I d.C.

As várias revisões ao longo dos primeiros séculos de sua história não permitem confirmar se as diversas citações do Antigo Testamento no Novo sejam da LXX. A edição do Novo Testamento Grego das Sociedades Bíblicas Unidas (UBS) traz no seu final uma lista de citações do Antigo Testamento no Novo indicando quais passagens são da Versão de Alexandria, a 27ª edição de Nestle (NA27) como nota marginal e a de Westcott & Hort (WH) no rodapé. Mateus 1.23, por exemplo, aparece como citação dos Setenta de Isaías 7.14: "[...] eis que uma virgem conceberá, e dará à luz *um* filho, e será o seu nome Emanuel". Há nessa passagem uma questão de ordem semântica sobre a palavra "virgem", mas não é a discussão aqui, esse assunto será retomado mais adiante. O enfoque por enquanto é outro.

LXX edição Rahlfs-Hanhart

ἰδοὺ ἡ παρθένος ἐν γαστρὶ ἕξει καὶ τέξεται υἱόν καὶ καλέσεις τὸ ὄνομα αὐτοῦ Εμμανουηλ

NT edições NA27, UBS e WH

ἰδοὺ ἡ παρθένος ἐν γαστρὶ ἕξει καὶ τέξεται υἱόν, καὶ καλέσουσιν τὸ ὄνομα αὐτοῦ Ἐμμανουήλ,

Mateus faz a citação exata da LXX, apenas uma mudança em relação ao verbo grego καλέω "chamar", substituindo a segunda pessoa, singular, καλέσεις pela terceira do plural καλέσουσιν. Talvez a forma de Mateus seja a encontrada no livro de Isaías que ele usou, pois a língua grega

no Novo Testamento é original e, por isso, o texto permaneceu inalterado, porém, na LXX é tradução e cujo texto está sujeito a revisões.

A edição Rahlfs-Hanhart da LXX é eclética, chamada de Edição Reconstituída, isso acontece quando são usados mais de um manuscrito e esse texto veio dos códices Vaticano, Sinaítico e Alexandrino, com inserção de variantes e de revisões históricas como da Héxapla de Orígenes e de Luciano. A Edição Diplomática, porém, tem como base um único *codex* e as edições de Sir Lancelot C. L. Brenton e de Constantin Von Tischendorf pertencem a esse grupo, pois vieram apenas do *Codex Vaticanus*. As últimas substituem o verbo ἕξει (futuro de ἔχω "ter") por λήψεται (futuro de λαμβάνω "receber").

O texto hebraico de Habacuque 2.4 aparece: "mas o justo de sua fé viverá"; a LXX: "mas o justo de minha fé viverá", entretanto, em Romanos 1.17 o apóstolo omitiu o pronome grego dos dois cânones, assim: "mas justo viverá da fé".

Habacuque 2.4 —Texto Massorético (BHS)

הִנֵּה עֻפְּלָה לֹא־יְשָׁרָה נַפְשׁוֹ בּוֹ וְצַדִּיק בֶּאֱמוּנָתוֹ יִחְיֶה

Eis aqui, a sua alma está ensoberbecida, e não é reta diante dele, mas o justo viverá pela sua fé.

Habacuque 2.4 — LXX edição Rahlfs-Hanhart

ἐὰν ὑποστείληται σὐκ εὐδοκεῖ ἡ ψυχή μου ἐν αὐτῷ ὁ δὲ δίκαιος ἐκ πίστεώς μου ζήσεται

Se alguém se retirar, a minha alma não se compadecerá nele, mas o justo de minha fé viverá

Romanos 1.17 — NA27

δικαιοσύνη γὰρ θεοῦ ἐν αὐτῷ ἀποκαλύπτεται ἐκ πίστεως εἰς πίστιν, καθὼς γέγραπται· ὁ δὲ δίκαιος ἐκ πίστεως ζήσεται.

> Porque nele a justiça de Deus é revelada de fé em fé, como está escrito, mas o justo viverá da fé.

O apóstolo repete a citação *ipsis litteris* em Gálatas 3.11, mas o escritor da epístola aos Hebreus segue a LXX, ainda que o pronome grego μου "meu" esteja deslocado. Teria Paulo feito a sua própria tradução? Teria vindo ela de outro texto grego que se desconhece? Ou seria resultado dessas revisões? Como se encontrava a *vorlage*[17] quando foi feita a versão grega? A mudança do possessivo da terceira para a primeira pessoa foi realmente alteração deliberada ou assim se encontrava o texto hebraico antes da fixação do cânon? São perguntas ainda sem respostas precisas, mas pesquisas modernas, com base nas descobertas do mar Morto, concluem que os tradutores da Versão dos Setenta não inventaram nada, seguiram a *vorlage*.

A passagem de Deuteronômio 32.43 é mais longa, mais do que o dobro da passagem do Texto Massorético.

LXX edição Rahlfs-Hanhart

> εὐφράνθητε οὐρανοί ἅμα αὐτῷ καὶ προσκυνησάτωσαν αὖ
> τῷ πάντες υἱοὶ θεοῦ εὐφράνθητε ἔθνη μετὰ τοῦ λαοῦ αὐτοῦ καὶ ἐνισχυσάτωσαν αὐτῷ πάντες ἄγγελοι θεοῦ ὅτι τὸ αἷμα τῶν υἱων αὐτοῦ ἐκδικᾶται καὶ ἐκδικήσει καὶ ἀνταποδώσει δίκην τοῖς ἐχθροῖς καὶ τοῖς μισοῦσιν ἀνταποδώσει καὶ ἐκκαθαριεῖ κύριος τὴν γῆν τοῦ λαοῦ αὐτοῦ

> Alegrai-vos, ó céus com ele, e que todos os filhos de Deus o adorem; alegrai-vos, nações, com o seu povo e que se fortaleçam diante dele todos os anjos de Deus porque ele vingará o sangue de seus filhos, vingará e responderá os inimigos com justiça e responderá aos que o odeiam e o Senhor purificará a terra de seu povo.

[17] *Vorlage* é a matriz usada para fazer-se uma tradução, o texto hebraico foi a *vorlage* da LXX.

Texto Massorético (BHS)

הַרְנִינוּ גוֹיִם עַמּוֹ כִּי דַם־עֲבָדָיו יִקּוֹם וְנָקָם יָשִׁיב לְצָרָיו וְכִפֶּר אַדְמָתוֹ עַמּוֹ

> Exaltai, ó povos, ao seu povo, porque ele vingará seus servos e tomará vingança de seus adversários e fará expiação da terra e de seu povo.

As edições de Brenton e de Tischendorf substituem υἱοὶ θεοῦ "filhos de Deus" por ἄγγελοι θεοῦ "anjos de Deus". O escritor aos Hebreus cita, entretanto, uma cláusula ausente nas Escrituras Hebraicas, mas presente na Versão dos Setenta: "E todos os anjos de Deus o adorem" (Hebreus 1.6). O fragmento hebraico do mar Morto, 4QDeut^{q}; que contém Deuteronômio 32.9,10 (?), 37-43, aproxima-se da LXX, mas omite a cláusula em tela.

A LXX levava vantagem sobre o texto hebraico, pois o grego era a língua franca da época e nela os apóstolos escreviam. Essa versão grega servia também como interpretação das Escrituras Hebraicas e assim permitia uma compreensão mais ampla. Somando-se a isso, as diversas citações, *ipsis litteris* ou virtuais, revelam a sua importância na construção do texto neotestamentário. Com isso, esse diálogo permanente com o Antigo Testamento ocorreu por meio do Cânon Alexandrino. Quem deseja entender o Novo Testamento precisa conhecer a Versão dos Setenta.

5

Outras versões gregas

Não seria exagero considerar as versões de Áquila, Símaco e Teodócio como revisões judaicas da LXX e as recensões de Orígenes, Hisíquio e Luciano como revisões cristãs. O judaísmo sentia a necessidade de revisão do antigo texto da LXX para adequar ao Cânon Judaico. O prólogo do livro apócrifo de Eclesiástico, datado pela crítica no ano de 132 a.C., já apresenta certa desconfiança na tradução feita da língua hebraica: "é que não tem a mesma força, quando se traduz para outra língua, aquilo que é dito originalmente em hebraico; não só este livro, mas a própria Lei, os Profetas e o restante dos livros têm grande diferença nos originais" (*A Bíblia de Jerusalém*, 21-26).

Há evidências de revisões judaicas antes da ascensão do cristianismo. O rolo dos Profetas Menores constitui-se bom exemplo. Um beduíno encontrou em Naḥal Ḥever, no deserto da Judeia, em agosto de 1952, um rolo grego de couro dos Profetas Menores contendo porções dos profetas Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias e Zacarias. O texto foi datado por Dominique Barthélemy como documento do fim do século I d.C., mas C. H. Roberts o datou entre 50 a.C e 50 d.C. Trata-se de uma revisão da LXX, feita de judeu para judeu e se caracteriza pelo emprego da partícula grega *kaíge* para traduzir a conjunção hebraica *gam* "também".

Alguns livros gregos do Antigo Testamento pertencem ao que Barthélemy chamou de "grupo kaíge", o qual consiste numa série de revisões cujo objetivo era adaptar o texto primitivo da LXX a um texto hebraico do tipo protomassorético. Esse é apenas um exemplo de revisão judaica antiga e a revisão protoluciânica é outro, pois tinha um caráter estilista procurando melhorar a antiga tradução grega. Esse assunto será retomado no capítulo seguinte.

A Septuaginta e os judeus

Os pesquisadores admitem seu uso na liturgia da sinagoga, apesar de não existir confirmação expressa, apenas indícios. Todavia, o uso da Versão de Áquila no culto judaico é atestado nos documentos judaicos, substituindo a LXX, o que se torna uma prova segura da leitura dela nas sinagogas. Há evidência de seu uso pelos samaritanos de língua grega e pela comunidade dos essênios de Qunram, pois foram encontrados seis fragmentos gregos diferentes entre as famosas descobertas do mar Morto.

O Pentateuco da LXX foi acolhido com entusiasmo pelos judeus helenistas de Alexandria, de acordo com os parágrafos 308-311 da *Carta de Aristeias*. Fílon considerou a tradução grega como "um único texto", tão inspirada quanto o texto original, isto é, comparável a Moisés, como tradução feita "não por tradutores, mas por hierofantes e profetas" (*De Vita Mosis* 2.40). A LXX exerceu forte influência entre os judeus helenistas e na igreja nos primeiros séculos do cristianismo. No transcorrer dos anos veio a ser o Antigo Testamento por excelência dos cristãos do vasto império romano. Quando a LXX foi acrescentada à coleção de livros do Novo Testamento era o surgimento de um novo livro, a Bíblia Cristã.

A Versão de Alexandria serviu de base na tradução para outras línguas e foi citada com muita frequência pelos pais da igreja. Era também a fonte da apologia cristã na controvérsia com os judeus. O argumento dos cristãos na defesa de sua fé contra os judeus era baseado nela e isso deixava os judeus em situação desconfortável, pois essa tradução veio deles. Assim, de forma gradual, ela foi rejeitada e isso foi acentuado com o Sínodo de Jâmnia. Essa reação judaica se intensificou quando a igreja tomou a LXX como seu Antigo Testamento grego. Com isso surgiram novos

projetos de tradução ou de revisão das Escrituras dos judeus para a língua grega, como Áquila, Símaco e Teodócio.

A partir do século III d.C., alguns rabinos disseram que as trevas cobriram a terra por três dias quando a LXX foi escrita; outros disseram que aquele dia foi tão triste para Israel quanto o dia do bezerro de ouro. O Talmude afirma que as Escrituras "não devem ser escritas [...] em língua grega. Setenta antigos escreveram a *Torah* para o rei Ptolomeu em grego, e esse dia foi tão ruim para Israel quanto o dia em que o bezerro de ouro foi fabricado, já que a *Torah* não podia ser traduzida de maneira adequada" (*Sêfer Torah* I,8 apud. HARL, DORIVAL, MUNNICH, 2007, p. 116). O que fazer com as festas e os panegíricos anuais mencionados por Fílon?

ÁQUILA

Segundo fontes antigas, Áquila era de origem pagã, natural de Sinope, no Ponto, mas depois de convertido ao cristianismo apostatou, indo para o judaísmo, o que levou a estudar hebraico. Vários críticos admitem ser ele o mesmo Ônquelos da tradução do Pentateuco para o aramaico, pela pronúncia do nome e pela característica de suas obras, mas outros rejeitam essa ideia. Viveu na época do imperador Adriano 117-138. Sua tradução é datada por volta de 130 d.C., seguiu o padrão do rabino Akiva, de quem foi discípulo, usando a equivalência formal, pois Akiva defendia a teoria da inspiração literal. Seu projeto consistia "em fornecer em grego uma base sobre a qual a exegese dos rabinos de seu tempo pudesse apoiar" (HARL, DORIVAL, MUNNICH, 2007, p. 134). Diz Bentzen: "Áquila sacrifica o idioma grego a uma tradução servilmente verbal, vertendo palavra por palavra o texto hebraico" (BENTZEN, 1968, p. 104) e transcreve o Tetragrama com caracteres paleo-hebraicos. Ele "tentou manter o mesmo número de palavras nos dois textos, hebraico e grego, a exata correspondência nos tempos verbais e da construção sintática" (TÁBET, 2004, p. 269). Isso fez de sua versão um texto duro e inatural, mas de grande valor para o estudo crítico do texto protomassorético. Trabalho acurado que, atendendo à exegese rabínica, chegou a traduzir a partícula hebraica que indica o acusativo את, intraduzível, pela preposição grega σὺν "com".

O texto hebraico de Gênesis 1.1 registra: אֱלֹהִים אֵת הַשָּׁמַיִם וְאֵת הָאָרֶץ בָּרָא בְּרֵאשִׁית "no princípio, criou Deus os céus e a terra", no entanto, a LXX emprega o verbo grego ποιέω "fazer" para o hebraico בָּרָא "criar", assim: Ἐν ἀρχῇ ἐποίησεν ὁ θεὸς τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν

Áquila, na sua tradução ou revisão, substituiu o verbo ἐποίησεν "fez" por ἔκτισε "criou", ajustando-se ao texto hebraico e acrescentou, ainda, a preposição *syn*, "com", antes do artigo grego, deixando assim a tradução: Ἐν κεφάλαιον ἔκτισε θεὸς σὺν τὸν οὐρανὸν καὶ σὺν τὴν γῆν "No princípio Deus criou *com* o céu e *com* a terra". (O grifo é nosso). Ele modificou o termo ἀρχή "princípio" por κεφάλαιον "capital, principal, primordial, ponto principal". A LXX emprega esse termo para traduzir רֵאשִׁית "princípio, começo" somente uma única vez (Daniel 11.41).

Sua versão tornou-se o texto grego muito apreciado pelos judeus de fala grega nas sinagogas durante quatro séculos, mas não foi conservado. Sobreviveram alguns fragmentos como o Rahlf 912, encontrado do Fayum, Egito, contendo Gênesis 1.1-5, da LXX e de Áquila. Em 1897, Francis Crawford Burkitt publicou alguns fragmentos com 32 versículos de Reis e de Salmos 22, 90-102 com muitas lacunas, que sobreviveram mediante a *Hexapla* de Orígenes, encontrados na *genizá*[18] da sinagoga do Cairo. Em 1958, foi publicado o Palimpsesto[19] *Ambrosianus*, também identificado O.39, que contém 141 versículos dos Salmos 17 a 88, descoberto pelo cardeal G. Mercati, em 1896, é o mais longo texto disponível de Áquila na atualidade. Outras citações aparecem nas margens de manuscritos e nas citações de alguns pais da igreja.

Áquila eliminou o nome Χριστός "Cristo", que é usado na LXX para traduzir o hebraico מָשִׁיחַ "ungido, Messias", substituindo-o por ἠλειμμένος do verbo grego ἀλείφω "untar, ungir, cobrir, friccionar com óleo ou com cera".[20] Aparece em Números 3.3 referindo-se à consagração

[18] A *genizá* era um depósito de livros que havia em cada sinagoga.

[19] Palimpsesto é um manuscrito que foi raspado/apagado e usado novamente para outro texto.

[20] No Novo Testamento o termo é empregado para embalsamamento (Marcos 16.1) e para ungir enfermos (Marcos 6.13; Tiago 5.14), o mesmo termo usado para ungir os pés de Jesus (Lucas 7.38, 46; João 11.2; 12.3).

dos filhos de Arão para o sacerdócio. Áquila empregou o termo em 1Samuel 2.35; 2Samuel 1.21; Salmos 2.2; 38.8; Isaías 45.1 e Daniel 9.26 no lugar de *Christos*. Isso pode ser confirmado na *Concordância da LXX* de Hatch & Redapth. Ele substituiu a palavra "virgem" por "jovem" na profecia de Isaías 7.14. A Versão de Alexandria usa o termo grego παρθένος "virgem", mas os judeus afirmavam que a palavra hebraica é עַלְמָה "mulher jovem, moça em idade de casar", portanto, a referência seria a νεᾶνις "jovem" (BENTZEN, 1968, p. 92; WÜRTHWEN, 1992, p. 52, 53). Ela suplantou a LXX no âmbito judaico, tendo boa acolhida entre os judeus e vindo a se extinguir com a invasão árabe, mas foi rejeitada pelos cristãos por considerá-la tendenciosa, pois evita, muitas vezes, uso de termos teológicos que permitem interpretações cristãs.

Símaco

Segundo Jerônimo e Eusébio de Cesareia, Símaco era ebionita, mas Epifânio afirma que era samaritano convertido ao judaísmo. Traduziu o Antigo Testamento para o grego idiomático em 170 d.C., como Áquila, verte o nome divino com os caracteres paleo-hebraicos. Jerônimo disse que Símaco "não apresenta uma versão estritamente literal do texto hebraico, mas apresenta um bom grego" (BENTZEN, 1968, p. 106). Foram descobertos dois pergaminhos datados dos séculos III e IV, em 1910, em princípio atribuído a Áquila, contendo dez versículos de Salmos. Alguns críticos veem elementos ebionitas nessa tradução, porém outros rejeitam essa ideia afirmando haver evidência de exegese rabínica e a presença dos *targumim* aramaicos.

Teodócio ou Teodocião

Como Áquila, Teodócio também era natural do Ponto, e a tradição da igreja afirma que ele foi discípulo de Marcião. Sua tradução, datada de 190, parece uma revisão da LXX ou de outra versão grega já existente, seguindo o texto hebraico, revisão kaíge. Seu estilo situa-se entre o literalismo de Áquila e a clareza de Símaco, é o que mais se aproxima da Versão dos Setenta, apesar de transliterar inúmeros termos hebraicos em caracteres gregos. Emanuel Tov catalogou 64, mas existem mais de 100. Sobreviveu o

texto integral da tradução de Daniel e desde o século III superou o da LXX constando da lista de livros do *Codex Vaticanus*. Alfred Rahlfs, discípulo de Paul A. de Lagarde, editou um texto duplo: o de Teodócio e o da LXX desse livro.



Alfred Rahlfs (1865 - 1935).
Fonte: http://www.septuaginta-unternehmen.gwdg.de/Images/Geschichte_Rahlfs.jpg

O rolo dos doze Profetas de Naḥal Ḥever, do tipo kaíge, atesta a leitura prototeodociana. Isso também acontece no Novo Testamento e nos primeiros pais da igreja anteriores à data da tradução. A expressão grega ἔφραξαν στόματα λεόντων "fecharam as bocas dos leões" (Hebreus 11.33) está de acordo com Teodócio (Daniel 6.22 [23]) e não com a LXX. São vários exemplos nos evangelhos sinóticos e em Apocalipse que não cabe aqui mencionar todos. Segue mais um exemplo do Evangelho de Marcos: μετὰ τῶν νεφελῶν τοῦ οὐρανοῦ "[...] com as nuvens do céu" (Marcos 14.62) é exatamente a mesma frase do texto teodociano de Daniel 7.13; no entanto, a passagem paralela de Mateus 26.64 está de acordo com a LXX: ἐπὶ τῶν νεφελῶν τοῦ οὐρανοῦ "sobre as nuvens do céu", fraseologia similar aparece em Mateus 24.30. A diferença está no emprego das preposições μετά "com" e ἐπί "sobre". Sidney Jellicoe, em sua obra *The Septuagint and Modern Study*, páginas 87, 88, apresenta

uma lista dessas leituras incluindo Clemente de Roma, Epístola de Barnabé e Justino, o Mártir.

Essa presença teodociana antecipada foi interpretada como trabalho de alguém que teria vivido no século I a.C. e identificado com Jonathan ben Uzziel, discípulo do rabino Hillel, contemporâneo de Herodes, o Grande (*Baba Bathra* 134a), que realizou a tradução aramaica e parafraseada dos Profetas, a partir do hebraico (Targum de Jonathan). Porém, as atividades do Teodócio histórico estão presentes e bem fundamentadas na tradição para ser rejeitada. As evidências apresentadas pelos pais da igreja depõem contra essa teoria. F. G. Kenyon e Paul E. Kahle consideram o texto de Teodócio uma revisão de um texto grego anterior.

Quinta, sexta, sétima

Outras traduções gregas do Antigo Testamento foram produzidas como a *Quinta*, a *Sexta* e a *Septima*, "Quinta, Sexta e Sétima", de procedência desconhecida. Sabe-se pouco sobre elas, mas já existiam antes de Orígenes, pois ele mesmo não apenas usou em suas pesquisas, como também as mencionou. A *Quinta* foi descoberta por ele mesmo, em Nicópolis, uma cidade da costa ocidental da Grécia e mencionada em Tito 3.12, porém não é possível saber se a origem é judaica ou cristã nem seu tradutor; a *Sexta*, em Jericó. Sobreviveram poucos fragmentos dessas versões.

6

As recensões

A LXX é a versão do Antigo Testamento que mais se distancia do Texto Massorético. Isso acontece porque a tradução da maioria de seus livros foi feita em datas anteriores à finalização do Cânon Judaico, quando ainda era flutuante. Na verdade, os dois cânones estavam em desenvolvimento. No momento em que o cânon dos judeus se definiu, as revisões cessaram e o texto de cada livro permanece intacto até hoje. Porém, o Cânon de Alexandria continuou sendo revisado até a recensão de Luciano, no ano 300 d.C. Assim, os códices disponíveis da LXX foram submetidos a uma série de revisões e não representam exatamente o mesmo texto, que segundo a tradição, nasceu em Alexandria a partir do século III a.C. "Nós temos na Septuaginta uma miscelânea de escritos gregos – algumas traduções, outras, paráfrases; outras das quais o grego é a língua original – cobrindo um período de mais de três séculos" (THACKERAY, 2003, p. 9).

A Septuaginta e o texto massorético

O confronto entre essas duas tradições só pode ser feito a partir dos textos hoje disponíveis, sabendo que não se conhece o estado da primeira tradução da LXX nem o do texto hebraico, *vorlage*, que serviu de base para os tradutores. O que existe hoje de tudo o que foi produzido até o século I d.C. não é suficiente para responder a todas as perguntas. São poucos

os fragmentos gregos do período pré-cristão, apenas nove: sete foram encontrados no deserto da Judeia, sendo seis nas cavernas de Qumran e um na gruta de Nahal Ḥever, o rolo dos Doze Profetas, cujo comentário foi apresentado no capítulo anterior, e dois papiros foram descobertos no Egito.

O fragmento 7Q1LXXEx contém Êxodo 28.4-7, mas diverge da LXX e parece uma revisão seguindo o texto hebraico, cerca do ano 100 a.C. O seguinte é o 4QLXXLev^{a} contendo Levítico 26.2-16, de data incerta, mas varia entre os século II e I a.C., e o outro, 4QLXXLev^{b}, contém Levítico capítulos 2 ao 5, mas apresenta lacunas, datado do século I a.C. Depois vem o 4QLXXNum contendo Números 3.30 até 4.14, com lacunas, datado do século I a.C., foi revisado com base no hebraico e manifesta retoques literários hebraizantes. O 4QLXXDeut contém Deuteronômio 11.4 e é datado do século II a.C. e o 7Q2 contém a Carta de Jeremias (6.43, 44), do ano 100 a.C.

Há mais fragmentos de Qumran que ainda não foram publicados. Segundo Fernández Marcos, esses achados confirmam a teoria de Paul de Lagarde sobre a origem única da versão de cada livro: "Trata-se de textos gregos do Pentateuco datados um século e meio ou dois séculos da tradução de Alexandria e que se encaixam perfeitamente na tradição textual representada pelos grandes códices unciais do século IV d.C." (MARCOS, 2008, p. 80).

Os outros textos gregos pré-cristãos são os papiros Rylands 458 e Fouad 266 (Anexo 4).[21] O primeiro pertence à coleção *The Oxyrhynchus Papyri*, descoberto em Oxyrhynchus, no Egito, 1897, atualmente está na Biblioteca John Rylands, em Manchester, Inglaterra. Datado da primeira metade do século II a.C., contém poucos fragmentos de Deuteronômio (23.24—24.3; 25.1-3; 26.12, 17-29; 28.31-33) com muitas lacunas e foram preservados pelo tempo uns 20 versículos. O segundo, datado do ano 100 a.C., não

[21] Todos os manuscritos e papiros, completos ou fragmentos, são numerados. Holmes e Parsons coletaram uma lista de 311 códices, atualmente 297 e Alfred Rahlfs, em 1914, enumerou 1.500 manuscritos, inclusive os fragmentos. Os papiros Rylands, por exemplo, receberam o número 957 na lista de Rahlfs e o Fouad, 848.

havendo unanimidade quanto a essa data, já que outros estabelecem 50 anos depois, são fragmentos contendo trechos de Gênesis 7 ao 38 (Rahlfs 942), e de Deuteronômio: Rahlfs 847 contendo trecho dos capítulos 11 e 31-33; Rahlfs 848 com trechos de 17 a 33.

Há conflitos entre os livros canônicos das Escrituras Hebraicas e as Gregas que durante séculos deixaram muitos pesquisadores intrigados. Com as descobertas do mar Morto, essas diferenças entre os dois cânones passaram a fazer sentido. Segundo Emanuel Tov, a Versão dos Setenta foi produzida muito antes do Cânon Judaico ser definido, afirma que "o texto hebraico foi mudado no curso dos anos" (TOV, 2002, p. 143). Tal afirmação confere com os dados levantados na biblioteca de Qumran e isso explica muita coisa sobre a Bíblia de Alexandria. Indo além de meras paráfrases, são omissões e adições, abreviações e expansões, inversão na ordem de capítulos e, às vezes, de versículos.

Jennifer M. Dines, em sua obra *The Septuagint*, nas páginas 13-24 traz um resumo de cada livro do Cânon de Alexandria e Sidney Jellicoe faz um comentário com profundidade e fartamente documentado sobre cada um deles em *The Septuagint and Modern Study*, páginas 269-310. A recente edição crítica da LXX coordenada por Albert Pietersma e Benjamin G. Wright, *A New English of the Septuagint*, aponta todas as diferenças entre os dois cânones. Os livros de 1Samuel, de Jó e de Jeremias são os que se destacam pelas omissões em relação ao Texto Massorético.

Em 1Samuel, a LXX omite os versículos 8 e 9a do Cântico de Ana, capítulo 2, e acrescenta as palavras de Jeremias 9.22, 23, com alguma modificação. Omite, também, os trechos 17.55—18.5, 10, 11, 17-19, mas são preenchidos na recensão luciânica. Isso aconteceu porque foi assim que o tradutor encontrou na *vorlage* hebraica. Os fragmentos hebraicos de Qumran (4QSm^{a}, 4QSm^{b}, e 4QSm^{c}) são similares à Versão dos Setenta.

O final da versão grega do livro de Jó é expandido. O texto hebraico termina assim: "Então, morreu Jó, velho e farto de dias" (42.17), porém, na Versão dos Setenta o texto continua: "e está escrito que ele vai ressuscitar novamente com os que o Senhor vai ressuscitar". Em seguida, vem uma adição midráshica, como se segue:

> Ele é interpretado do livro Siríaco como habitante da terra de Autide, nos confins da Idumeia e Arábia, antes seu nome era Jobabe; agora, tomou uma mulher árabe gerou um filho cujo nome era Enon e ele mesmo teve como pai Zaré, um filho dos filhos de Esaú, e como mãe Bosorra, de maneira que ele foi o quinto após Abraão. E esses são os reis que reinaram em Edom, em cujo país ele também reinou: primeiro Balaque, filho de Peor e o nome de sua cidade era Denaba, e depois de Balaque, Jobabe, que é chamado Jó e depois dele Hasom, que era um rei do país taimanita, e depois dele Hadade, filho de Barade, destroçou Midiã, na planície de Moabe, e o nome de sua cidade era Getaim. Agora, os amigos que vieram a ele eram: Elifaz, um dos filhos de Esaú, rei dos taimanitas, Bildade, o tirano dos Sauquitas, Sofar, o rei minita.

Todavia, a versão grega do livro de Jó é mais curta que o Texto Massorético, segundo Jennifer M. Dines são 389 versículos ausentes.

O texto grego de Jeremias na LXX é uma sexta parte menor do que o que se encontra no Texto Massorético, são 2.700 palavras a menos, faltando seis ou sete capítulos e as mensagens proféticas contra as nações vizinhas: Elão, Egito, Babilônia, Filístia, Fenícia (Tiro e Sidom), Edom, Amom, Quedar-Hazor, Damasco e Moabe, presentes nos capítulos 46—51, aparecem entre 26.13-15. Isso sempre deixou os estudiosos intrigados. Porém, nas descobertas do mar Morto foram encontradas seis cópias do livro e Jeremias: uma na caverna 1 e 5 na caverna 4, todas incompletas. Uma delas, da caverna 4 (4QJer^{b}), confirma a existência do texto curto. Isso comprova a presença de outro substrato no qual se baseou o tradutor, pois na época havia uma edição longa e uma curta.

Não se trata de falsificação, mas significa que na época o texto hebraico usado pelos setenta era anterior à data da finalização definitiva do Cânon Judaico. A *vorlage* hebraica usada pelos tradutores estava em desenvolvimento. Os achados do mar Morto constituem-se numa prova incontestável disso. Essas descobertas trouxeram à tona um grande número de variantes hebraicas e certos fragmentos confirmam a forma grega contra a do Texto Massorético: "definitivamente, as descobertas de

Qumran resolveram um enigma: sabe-se agora que o grego, quando se afasta do TM, não inventa. Não obstante, não revelaram o tipo textual exato sobre o qual se apoia a tradução grega. Com Qumran, a questão do substrato hebraico da LXX não desaparece: ressurge" (HARL, DORIVAL, MUNNICH, 2007, p. 172).

As recensões cristãs

Recensão é uma deliberada revisão sistemática de um texto inteiro. Áquila, Símaco e Teodócio procuraram suprimir as inexatidões da versão grega antiga adaptando-a ao texto hebraico que evoluiu até a completa definição do Cânon Judaico. As recensões cristãs são revisões posteriores, realizadas no texto da LXX, pois a igreja estava diante de diversos manuscritos e os recenseadores precisavam estabelecer um texto-padrão, um bom texto. Jerônimo, no prólogo ao livro das Crônicas, em 396, na Vulgata Latina, menciona três recensões, de Orígenes, realizada na Palestina, de Hesíquio, no Egito, e de Luciano, na Ásia Menor (250-312). Os pesquisadores procuraram localizá-las no texto.

A Héxapla

Orígenes nasceu em Alexandria, em 185, e morreu em 254, não se sabe se em Tiro ou em Cesareia, sob a perseguição de Décio, imperador romano. Sua história é contada por Eusébio de Cesareia e ocupa grande parte do livro seis da *História Eclesiástica*. Essa recensão foi um trabalho de enorme proporção que levou 30 anos até ser concluído, em 245, e dificilmente um homem sozinho teria condições de levar avante tal projeto. Orígenes certamente coordenou e dirigiu sua equipe de copista e taquígrafo na execução dessa tarefa e, assim, nascia a filologia bíblica, sendo ele mesmo seu criador.

Ele começou a reunir todo o material quando ainda estava em Alexandria, porém, nos dez anos finais (235-245), a obra foi realizada em Cesareia, na Palestina. Segundo ele, o estado da Bíblia grega que havia herdado era comprometedor por várias razões: descuido de alguns escribas, adição e ou omissões intencionais de outros, de modo que diante dessa discrepância com o texto hebraico ele fez uma sinopse em seis colunas, daí o nome

hexapla, "sêxtuplo". Esses textos foram dispostos na seguinte ordem da esquerda para a direita: 1) texto hebraico, 2) texto hebraico transliterado em letras gregas, 3) versão de Áquila, 4) versão de Símaco, 5) LXX, 6) e a versão de Teodócio. No livro de Salmos havia duas colunas suplementares com as revisões *Quinta* e *Sexta*. (Anexos 2a, 2b p. 93, 94).

A simples disposição dessas colunas mostrava as diferenças desses textos. As seções da LXX ausentes no texto hebraico eram apontadas com uso de um óbelo, traço horizontal, no início, em um metóbelo, traço com um ponto ou traço menor, no final; quando a situação era oposta, ou seja, quando as seções do hebraico estavam ausentes na LXX, eram completadas com uma das colunas gregas, marcadas por um asterisco em forma de cruz com quatro pontos entre os braços. O papel do texto hebraico nesse trabalho mostra que Orígenes, antes de Jerônimo, tinha como referencial a *veritas hebraica*.

O objetivo era apologético, como ele mesmo afirma em sua *Carta a Africano* 5, para que os cristãos, ao citar a LXX nas discussões com os judeus, tomem o cuidado de compará-las com as Escrituras Hebraicas, para não usar passagens ausentes nelas. Ela não sobreviveu, pois havia dificuldade na cópia em colunas "aparentemente, esta Hexapla original de Orígenes nunca foi copiada para a publicação; era por demais volumosa para haver um mercado para ela" (ARCHER JR., 1974, p. 45). Ela se perdeu com a biblioteca de Cesareia durante a invasão árabe islâmica, em 638. O que existe dela são duas testemunhas diretas e duas indiretas. As diretas são bem fragmentárias do livro de Salmos: o palimpsesto 0.39 da Biblioteca Ambrosiana de Milão, descoberto pelo cardeal Mercati em 1896, e o da *Genizá* do Cairo. As indiretas são a *Siro-Hexaplar*, uma tradução siríaca bastante literal realizada em 616/617 por Paulo de Tela, da edição da LXX fixada por Orígenes, e a tradução Armênia, feita por um monge missionário (410-414) da LXX, baseada em parte no texto origeneano.

A recensão de Hesíquio

Pouco ou quase nada se sabe de Hesíquio e da sua recensão. Ainda não foi possível determinar se houve revisão no sentido de verificar o texto da LXX com uma *vorlage*, ou seja, texto hebraico como matriz, ou se foi

uma simples revisão de estilo. Olivier Munnich afirma: "em lugar de uma recensão de Hesíquio, seria melhor falar, no máximo, de uma recensão alexandrina, da qual talvez se encontre um eco nos Padres alexandrinos" (HARL, DORIVAL, MUNNICH, 2007, p. 156).

A recensão de Luciano

É reconhecida como a mais importante. Luciano é personagem controvertido, esteve ex-comungado da igreja de Antioquia durante três episcopados. Foi discípulo de Paulo de Samosata e mestre de Ário. Nasceu em 250, em Antioquia da Síria, e foi martirizado durante a perseguição do imperador Maximino, em 7 de janeiro de 312. Todavia, Eusébio de Cesareia menciona o seu martírio com a seguinte qualificação: "Luciano, homem sob todos os aspectos muito excelente, comedido em sua vida e ilustre por sua proficiência na literatura sagrada, era presbítero da igreja em Antioquia" (*História Eclesiástica*, 9. VI). Jerônimo, no prólogo citado, afirma: "... Constantinopla a Antioquia aprova as cópias do mártir Luciano".

A revisão foi realizada por volta do ano 300, "a recensão luciânica ou antioquena da Septuaginta é claramente atestada nos Profetas e em alguns livros históricos (especialmente Samuel-Reis-Crônicas). Eruditos têm sido incapazes de identificar um texto luciânico no Pentateuco" (JOBES e SILVA, 2000, p. 54). Os textos luciânicos são identificados pela presença da letra grega *lambda*, λ (L), com o *omikron* minúsculo abaixo da letra grega, posta na margem do texto. Alguns interpretam como as iniciais de οἱ λοιποι "os restantes", mas a presença significativa da letra *lomadh* (L), nos textos siríacos, parece confirmar que se trata das iniciais no nome Λουκιανός "Luciano". Todavia, a segunda hipótese não está completamente descartada. Brooke e McLean identificaram os manuscritos 19, 82, 93 e 108 como luciânicos.

O Departamento de Filología Bíblica y de Oriente Antiguo del Instituto de Filología del Consejo Superior de Investigaciones Científicas, em Madri, publicou a obra *El Texto Antioqueno de la Biblia Griega*, em três volumes, os livros históricos: 1-2 Samuel, vol. I, 1989; 1-2 Reis, vol. II, 1992; 1-2 Crônicas, vol. III, 1996, sob direção de Fernández Marcos e José Ramón Busto Saiz.

Há documentos antigos e anteriores ao ano 300 d.C. com leituras luciânicas, conhecidos como texto protoluciânico, diferentes da LXX. Segundo os críticos, Luciano baseou o seu trabalho num texto antigo, num substrato hebraico dos essênios atestado nas descobertas do mar Morto. O historiador Josefo, no final do século I, reproduz fielmente a recensão luciânica. Depois dele, Justino, o Mártir e também a Vetus Latina[22] apresentam leituras luciânicas. O objetivo dessa revisão era de caráter estilista e gramatical, procurando melhorar a antiga tradução grega, ao passo que a do tipo kaíge buscava aproximação com as Escrituras Hebraicas.

[22] A partir da segunda metade do século II, com Tertuliano, começou a surgir a literatura cristã em latim no norte da África. A Vetus Latina não é o nome de uma versão latina específica, mas de um conjunto de textos bíblicos latinos que os pais latinos usavam antes da Vulgata Latina ser produzida. Esses manuscritos são classificados em dois grupos: os da versão *Afra* e os da versão *Ítala*. A *Ítala* foi o Antigo Testamento traduzido da Septuaginta, no norte da África, e não do hebraico, e cujo trabalho foi concluído em 200 d.C.

7

O Antigo Testamento grego hoje

Holmes e Parsons coletaram 311 manuscritos da LXX, sendo 297 códices, dentre eles 21 unciais. Alfred Rahlfs enumerou mais de 1.500 fragmentos, incluindo também manuscritos. Aqui, serão apresentados os quatro principais manuscritos que serviram como base para o texto impresso.

Os manuscritos

Todos os autógrafos dos livros da Bíblia se perderam ao longo dos séculos. Essas cópias originais desapareceram. A nossa Bíblia chegou-nos às mãos mediante cópias tiradas de outras cópias até o advento da imprensa, em 1454. Essas cópias são os manuscritos (MSS), cujo vocábulo vem de duas palavras latinas, *manu* (mão) e *scriptus* (escrita).

Codex Vaticanus

Identificado pela letra B ou pelo número 03, pertence à Biblioteca do Vaticano desde 1475. Sua origem ainda é questionável, mas os paleógrafos colocam-no na primeira metade do século IV, entre 325-350, sendo essa data aceita pela maioria dos críticos. Alguns sugerem Cesareia como o lugar de sua origem, Hort coloca-o em Roma. Outro erudito considera os

Códices Sinaítico e Vaticano como sobreviventes dos 50 manuscritos que o imperador Constantino encomendou a Eusébio em 331 d.C. Todavia, ainda faltam dados para que isso possa ser confirmado.

Escrito num pergaminho de excelente qualidade, seu formato é praticamente quadrado, 28,5 x 27cm, 759 páginas, originalmente eram 800, em cadernos de 10 folhas, com três colunas em cada página (Anexo 5, p. 97). Especialistas acham que alguns escribas do Sinaítico participaram da confecção do *Codex Vaticanus*. Contém o texto completo da LXX, mas as passagens de Gênesis 1.1—46.28 e de Salmos 105.27—137.6 foram colocadas no século 15. O livro de Daniel é o texto de Teodócio. No Novo Testamento faltam os capítulos 9.15 a 13.25 da epístola aos Hebreus e as epístolas pastorais, Filemom e Apocalipse. Provavelmente, eram partes dos cadernos que se perderam.

Codex Sinaiticus

Identificado pela letra hebraica Álefe ℵ ou pelo número 1, foi descoberto pelo professor de Leipzig, Lobegott F. C. von Tischendorf, entre 1844 e 1858, no mosteiro de Santa Catarina, ao pé do monte Sinai. Tischendorf, a serviço do rei Augusto, da Saxônia, estando no Oriente Médio, observou uma cesta com considerável número de páginas e desconfiou de que se tratava de uma preciosidade de valor inestimável. Soube que algumas das páginas haviam sido queimadas, para aquecer os monges do mosteiro. Mesmo assim, conseguiu 43 páginas, que foram publicadas em 1846 como *Codex Fredericoaugustiano*, contendo partes de Jeremias, Neemias, Ester e 1Crônicas.

Em 1853, Tischendorf retorna ao mosteiro, ávido pelo restante do manuscrito, mas os monges não lhe deram satisfação e evitaram falar sobre o assunto. Depois disso, voltou uma vez mais ao mosteiro sob os auspícios do czar Alexandre II, e novamente encontrou dificuldade em obter informação sobre o MSS. Ele convenceu os monges a doarem o referido manuscrito ao czar, por ser ele protetor da Igreja Grega. Como recompensa o czar deu um donativo no valor de 7.000 rublos ao convento e mais de 2.000 ao templo do monte Tabor.

O MSS foi doado à Biblioteca Imperial de S. Petersburgo. Em 1933, o então governo soviético, que não se interessava por religião, vendeu-o ao

Museu Britânico por 100.000 libras esterlinas, onde se encontra ainda hoje. O texto foi copiado por três escribas num fino velo, pergaminho de excelente qualidade, cujo arranjo é em cadernos de oito folhas de 40 x 36cm, 347 páginas, originalmente eram 730, com quatro colunas de 48 linhas, datado entre 375-400 d.C.

O Novo Testamento está completo e acrescenta o Pastor de Hermas e a epístola de Barnabé, escritos pós-apostólicos. O texto da LXX está incompleto, contendo alguns apócrifos, anterior à LXX da Héxapla, mas copiado posteriormente. O Antigo Testamento do MSS contém os seguintes livros: Gênesis 23.19—24.46 (com lacunas), Números 5.25—7.20 (com lacunas), 1Crônicas 9.27—19.17, Esdras (a partir de 9.9), Neemias, Ester, Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Isaías, Jeremias, Lamentações (até 2.20), Joel até Malaquias. Os apócrifos que sobreviveram são: Tobias, Judite, 1Macabeus, 4Macabeus, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico.

Codex Alexandrinus

Identificado pela letra A ou pelo número 02, seu nome adveio em função de sua origem, Alexandria, como o Sinai foi o lugar da descoberta do *Codex Sinaiticus*. Foi doado pelo patriarca de Constantinopla, de nome Cirilo Lucar, ao rei Tiago I, da Inglaterra em 1621. Permaneceu em poder dos reis britânicos até 1757, quando o rei Carlos II doou à Biblioteca Real. Atualmente se encontra no Museu Britânico, desde a sua fundação.

Cirilo Lucar trouxe o referido texto de Alexandria, no qual há algumas notas curiosas, dentre elas, uma anotação em árabe de uma mártir, chamada Tecla. Segundo Cirilo Lucar, trata-se de uma senhora egípcia que viveu pouco tempo depois do Concílio de Niceia, em 325 d.C. Porém, os críticos não acreditam que tal manuscrito seja assim tão antigo. Sua data é reconhecida pelos eruditos como o século V, um pouco depois da morte de Atanásio, que morreu em 373.

O *Codex* é um pouco mais recente que o *Sinaiticus*, com 773 páginas de tamanho 34 x 28cm, com duas colunas por página. Não consta o livro de Apocalipse e, para completar o texto do Novo Testamento, foi introduzido no *Codex Alexandrinus* o papiro 47, contendo o livro de Apocalipse, do

século III, e encontra-se em Dublin, na Irlanda. No texto da LXX falta 1Samuel 12.17—14.9; Salmos 49.20—79.11.

Codex Ephraemi Rescriptus

Identificado pela letra C ou pelo número 04, sua origem é Alexandria, segundo Hort. O texto é um palimpsesto, como o próprio nome sugere. Sua data é do século V, trazido do Oriente Médio para a Itália no século XVI. Tornou-se propriedade de Catarina de Médicis, na França, e hoje é propriedade da Biblioteca Nacional de Paris.

O texto original foi raspado no século XII. Suas páginas foram usadas para anotar alguns tratados de Efraim, o sírio. Apenas 209 páginas sobreviveram e foram justamente essas que chegaram aos nossos dias. Seu formato é de 33 x 24,5cm, com apenas uma coluna em cada página. Originalmente continha a Bíblia inteira, mas restaram apenas 64 páginas da LXX e 145 do Novo Testamento, faltam 2Tessalonicenses e 2João. Do Antigo Testamento sobreviveram apenas porções de Jó, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos e os apócrifos: Sabedoria de Salomão e Eclesiástico.

Edições impressas

O primeiro texto impresso da LXX foi a edição *Princeps* que apareceu publicada na *Poliglota Complutense (Biblia Complutensis)*, do cardeal Francisco de Cisneros (1514-1517), mas só foi lançado em 1520, numa tiragem de 600 cópias.[23] A Vulgata Latina ocupa a parte central da página, entre a LXX e o Texto Massorético. Abaixo, apenas nos livros do Pentateuco, está o texto aramaico, o Targum de Ônquelos, com sua tradução latina. Serviu de base para as poliglotas posteriores: Antuérpia, Heidelberg, Hamburgo e Paris. Na mesma época (1518), foi publicada a edição *Aldina*,

[23] Em 1987, depois de quatro anos de trabalho, a Fundação Bíblica Espanhola da Universidade Complutense de Madri publicou uma edição especial, em *fac-simile*, de mil exemplares, em seis volumes, fino acabamento e em estojos de luxo, cada cópia foi numerada e registrada em cartório. O rei da Espanha, Sua Majestade D. Juan Carlos, recebeu o exemplar número um, numa audiência no Palácio Real, em 7 de novembro de 1984.

de Veneza. A edição da *Biblia Sixtina* foi publicada em 1586, a primeira a usar o *Codex Vaticanus*.

Entre 1798 e 1827, dois eruditos britânicos Robert Holmes e James Parsons publicaram uma edição crítica com variantes textuais em cinco volumes (R. Holmes morreu em 1805, mas o projeto prosseguiu). Em 1850, Constantin von Tischendorf publicou sua própria edição da LXX, a *Vetus Testament Graece*, que nos 25 anos que se seguiram foi revisada quatro vezes. Depois de sua morte, em 1874, Eberhard Nestle supervisionou mais duas revisões, em 1880 e em 1887. Em março de 2007, a Wipt & Stock Publishers, em Eugene, no Estado de Oregon, USA, publicou, em dois volumes, a *Editio Sexta*, de Tischendorf. As edições modernas estão classificadas em dois grupos: edições diplomáticas e edições reconstituídas.



Bíblia Poliglota Complutense (seis volumes, edição de 1987).

Edições diplomáticas

O texto diplomático é baseado em um só manuscrito. Um bom exemplo desse grupo é a edição de Cambridge: *The Old Testament in Greek According to the Text of Codex Vaticanus Supplemented from Other Uncial Manuscripts (O Antigo Testamento em Grego de Acordo com o Texto do Códex Vaticano Suplementado por Outros Manuscritos Unciais)*, preparada por Alan E. Brooke (1863-1939), Norman McLean (1865-1947) e Henry St. J. Thackeray (1869-1930) contendo o Pentateuco, os livros históricos e os apócrifos Judite e Tobias. O trabalho teve início em 1906 e foi interrompido em 1940. Seu texto básico é unicamente o *Codex Vaticanus*. O texto preparado por Swete é outro exemplo. Ele também publicou uma edição da LXX, em três volumes: *The Old Testament in Greek According to the Septuagint (O Antigo Testamento em Grego de Acordo com a Septuaginta)*. O texto básico é também o *Codex Vaticanus*, suas lacunas estão preenchidas com textos de outros unciais.

Edições reconstituídas

O texto reconstituído é baseado em mais de um manuscrito, trata-se de uma edição eclética, reconstruído selecionando variantes dos manuscritos existentes. A edição crítica de Göttingen ou Gotinga intitulada *Septuaginta: Vetus Testamentum Graecum (Septuaginta: O Antigo Testamento Grego)*, preparada por Joseph Ziegler, serve como exemplo dessas edições. É uma edição reconhecida pela abundância de informação e analisa as diferentes recensões e os grupos de manuscritos segundo os livros. Seu *aparatus criticus* registra variantes dos manuscritos, da patrística e das versões de Áquila, Símaco e Teodócio. As introduções são extensas.

O texto de Alfred Rahlfs, intitulado *Septuaginta*, 2 volumes, publicado em Stuttgart, Alemanha, 1935, "baseia-se fundamentalmente nos códices Vaticano, Sinaítico e Alexandrino" (BARRERA, 1999, p. 358). Esse texto foi revisado por Robert Hanhart e publicado pela Deutsche Bibelgesellschaft (Sociedade Bíblica da Alemanha), Stuttgart, em 2006, é a *Editio Altera* (segunda edição) Rahlfs-Hanhart.

Tradução nas línguas modernas

O interesse pela tradução da LXX para as línguas modernas vem aumentando nas últimas décadas. Há três versões completas em inglês, uma antiga em espanhol e uma em alemão. Vários projetos de tradução estão em andamento, nas seguintes línguas: francês, italiano, espanhol, japonês, coreano e até em hebraico.

Inglês

A primeira versão em língua inglesa foi traduzida por Charles Thomson (1729-1824). Ele reconheceu o valor da LXX e a necessidade de se produzir uma tradução do Antigo Testamento Grego para o inglês, para a melhor compreensão do Novo Testamento, durante os anos de formação dos Estados Unidos da América, pois nenhuma tradução existia. Seu trabalho foi concluído em 1792, mas só foi publicado em 1808, sem os apócrifos, que foram incluídos na edição de 1904.

A segunda versão é um texto bilíngue disposto em duas colunas paralelas: grego e inglês, preparado, por Sir Lancelot Charles Lee Brenton, na Inglaterra, em 1851, cujo título é: *The Septuagint with Apocrypha (A Septuaginta com os Apócrifos)*. É hoje a tradução da LXX mais popular no mundo de fala inglesa. A terceira é *A New English Translation of the Septuagint (Uma Nova Tradução Inglesa da Septuaginta)* cuja sigla é NETS, trabalho preparado sob a coordenação de Albert Pietersma e Benjamin G. Wright, patrocinado pela International Organization for Septuagint and Cognate Studies e publicado em 2007 pela Oxford University Press. Trata-se de uma nova tradução crítica do grego para o inglês contemporâneo.

Espanhol

Guillermo Jünemann Beckschaefer traduziu a LXX para a língua espanhola, em Concepción, no Chile, em 1928, em pequenos cadernos manuscritos e interlinear. Só depois de mais de 60 anos, a tradução de Jünemann foi publicada em Santiago, em 1992. Fernández Marcos reconhece o tradutor como bom helenista, mas afirma não ser possível identificar o texto grego usado para a tradução, pois figuram omissões, frases e palavras desconhecidas da LXX, além de traduções literais tomadas de Áquila (MARCOS, 2008, p. 147).

Há um projeto em andamento sob a coordenação de Fernández Marcos e Maria Victoria Spottorno Díaz-Caro, resultado de uma parceria do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), de Madri, e das Ediciones Sígueme, editora de Salamanca. Foi publicado em 2008 o volume I contendo o Pentateuco.

Alemão

Foi publicada em 2008 uma edição crítica em alemão pela Sociedade Bíblica Alemã. Os editores responsáveis, prof. dr. Wolfgang Kraus e prof. dr. Martin Karrer, coordenaram o projeto, que começou em 1999 com mais de 70 tradutores eruditos, historiadores e filólogos da Igreja Ortodoxa Grega.

Francês

La Bible d´Alexandrie (A Bíblia de Alexandria) é uma tradução francesa da LXX com comentário filológico e exegético sob a coordenação de Cécile Dogniez e Marguerite Harl, ambas professoras de grego pós-clássico da Universidade de Paris-Sobornne. O projeto tem a participação de muitos eruditos franceses, como Gilles Dorival e Olivier Munnich. O primeiro volume, Gênesis, foi lançado em 1986, depois, as Les Éditions du Cerf, Paris, publicaram o Pentateuco completo, Josué, Juízes, 1Reis, Provérbios, Eclesiastes, Baruque, Lamentações, Carta de Jeremias e os doze Profetas Menores. Em 2001 foi publicada uma edição bilíngue grego-francês, do Pentateuco.

Italiano

Há um novo projeto de tradução da LXX para o italiano em andamento. O primeiro, sob os auspícios da Universidade de Bologna e coordenado por Luciana Mortari, que publicou o Saltério em Turin, em 1983, e o Pentateuco, em Roma, em 1999, com introdução e notas, foi interrompido, mas surgiu outro, independente, sob a direção de Paolo Sacchi.

Hebraico

Há um projeto de tradução, em Israel, organizado pela Universidade de Bar Ilan. O primeiro volume, contendo o livro de Gênesis, foi traduzido por Moshe A. Zipor e publicado em 2008.

Conclusão

O projeto de tradução das Escrituras dos judeus para a língua grega num período em que sequer o cânon estava fixado mostra ser a Bíblia um livro traduzível por natureza, sendo ao mesmo tempo o prenúncio dos milhares de línguas para as quais seria traduzida – as primícias de uma grande ceifa de versões em todo o mundo. É da vontade de Deus que a sua Palavra seja conhecida por todos os povos e nações na sua própria língua. Essa aprovação divina é reconhecida pelo uso do grego na redação do Novo Testamento e pelas inúmeras citações diretas da LXX. Isso mostra que não importa a língua, mas o conteúdo da mensagem.

Ninguém espera voltar a LXX a ser o Antigo Testamento da igreja, a *veritas hebraica* constitui-se o referencial para a tradução em outras línguas, direta ou indiretamente, mas é de suma importância a Versão dos Setenta na língua do povo, isso torna acessível a todos a Bíblia dos apóstolos e dos primeiros cristãos. Agostinho de Hipona disse que "o Novo Testamento está oculto no Antigo, e o Antigo está claro no Novo", mas esse Antigo Testamento é o Cânon Alexandrino. O papel significativo dessa versão na construção do Novo Testamento torna-a indispensável para a compreensão do texto neotestamentário. O mesmo pode ser dito dos pais gregos, pois há numerosas citações da Versão dos Setenta, o conhecimento dela ajuda a entender esses primeiros escritores cristãos.

Agostinho disse reiteradas vezes que é necessário *crer para compreender* a fé cristã, ideia retomada mais tarde por Anselmo de Cantuária. Ele fundamenta esse conceito na parte final de Isaías 7.9, que o Texto Massorético declara "se o não credes, certamente, não ficareis firmes", no entanto, a LXX traduz: "se não crerdes não compreendereis". Com isso Agostinho provava que o cristianismo podia ser explicado de forma racional, isso já era defendido desde Justino, o Mártir, e tem apoio no Novo Testamento. Quando o Senhor Jesus adicionou a expressão "de todo o teu entendimento" ao citar o primeiro e grande mandamento (Marcos 12.30) estava também mostrando que há na fé cristã uma lógica, ela é racional. Porém, o bispo de Hipona apontava isso no Antigo Testamento, mas embasado no Cânon de Alexandria.

Falar de diversas revisões na LXX até que é compreensível, afinal de contas, a língua é viva e ela se desenvolve com o tempo. Todas as versões da Bíblia necessitam de revisões periódicas para atualização da linguagem, sem, contudo, alterar a mensagem. E com a Versão dos Setenta isso não foi diferente enquanto o grego era a língua do povo. Ninguém mais ousou revisá-la depois de Luciano. Porém, o que dizer do texto hebraico?

Sobre o Cânon Judaico, há diversas referências no Antigo Testamento sobre a produção de seus livros. Sabe-se que "[...] os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo" (2Pedro 1.21) e que "Toda Escritura é inspirada por Deus" (2Timóteo 3.16). A palavra grega, aqui, traduzida por "inspirada por Deus" ou "divinamente inspirada" é θεόπνευστος, vem de θεός "Deus" e πνέω "respirar, soprar". Isso significa que essas palavras foram sopradas por Deus, ou seja, vieram dele e foram colocadas por autores humanos. Deus insuflou os profetas, sacerdotes e sábios confiando-lhes a responsabilidade de escrever a revelação divina (Jeremias 18.18).

A inspiração independe do processo editorial. Independentemente de o livro ser um conjunto de extratos de autores desconhecidos ou uma coletânea de diversos documentos, ou se sofreu revisão posterior por escribas e profetas igualmente inspirados, Deus inspirou os autores sagrados e nem sempre os livros foram totalmente acabados em sua geração, pois a revelação foi gradativa. A autoridade dos massoretas

posteriores, do judaísmo rabínico, não é a mesma dos סֹפְרִים "escribas", os *sopherim*, que trabalharam nas cópias e na edição dos livros da época helenista. Os massoretas jamais ousaram modificar uma palavra das Escrituras, pois o cânon já estava fixado, o que é diferente dos *sopherim* encarregados de padronizar e revisar textos.

Assim, fica claro que nem todos os livros do Antigo Testamento saíram totalmente acabados das mãos do autor ou autores humanos. Há caso em que mesmo depois da morte do autor, outros sacerdotes, sábios ou profetas, igualmente inspirados pelo Espírito Santo, deram continuidade ou revisaram o texto. Assim, glosas editoriais de profetas posteriores não invalidam sua inspiração nem a sua autoridade pelas seguintes razões: a) o cânon ainda estava aberto; b) em nenhum lugar das Escrituras Sagradas afirma que pelo menos um de seus livros saiu acabado do punho do autor sagrado; c) glosas editoriais foram inseridas no texto sagrado por pessoas autorizadas e isso não neutraliza sua autoria. A autoria não é tudo, mas o conteúdo. Os reformadores Lutero e Calvino diziam que o assunto da identidade do autor dos livros do Antigo Testamento era relativamente de pouca importância, mas ambos insistiram na origem divina das Escrituras; d) esses detalhes editoriais são reconhecidos pela tradição desde a antiguidade; e) revisão, apêndice, epílogo ou algo similar jamais puderam tirar o crédito do autor de uma obra; f) e, finalmente, o cânon só tornou-se intocável depois de seu encerramento, quando foi definido. A partir daí, jamais alguém ousou alterar sequer uma palavra.

Apêndices

Apêndice 1 – Cânon Judaico
Apêndice 2 – Lista apresentada por Josefo (?)
Apêndice 3 – Cânon Alexandrino

Apêndice 1

Cânon Judaico

Torá	Profetas Anteriores	Profetas Posteriores
1. Gênesis	6. Josué	10. Isaías
2. Êxodo	7. Juízes	11. Jeremias
3. Levítico	8. 1 e 2Samuel	12. Ezequiel
4. Números	9. 1 e 2Reis	13. Profetas Menores
5. Deuteronômio		
Hagiógrafos		
Livros Poéticos	**Megilloth**	**Livros Históricos**
14. Salmos	17. Rute	22. Daniel
15. Provérbios	18. Cântico dos Cânticos	23. Esdras e Neemias
16. Jó	19. Eclesiastes	24. 1 e 2Crônicas
	20. Lamentações	
	21. Ester	

Apêndice 2

Lista apresentada por Josefo (?)

Cinco Livros de Moisés	Treze Livros Proféticos	Quatro Livros de Hinos Preceitos
1. Gênesis	1. Josué	1. Salmos
2. Êxodo	2. Juízes	2. Provérbios
3. Levítico	3. 1 e 2Samuel	3. Eclesiastes
4. Números	4. 1 e 2Reis	4. Cântico dos Cânticos
5. Deuteronômio	5. Isaías	
	6. Jeremias	
	7. Ezequiel	
	8. Profetas Menores	
	9. Jó	
	10. Daniel	
	11. Esdras-Neemias	
	12. 1 e 2Crônicas	
	13. Ester	

Apêndice 3a

Cânon Alexandrino

A Lei
1. Gênesis
2. Êxodo
3. Levítico
4. Números
5. Deuteronômio
Livros Históricos
6. Josué
7. Juízes
8. Rute
9. 1Samuel [1Reis]
10. 2Samuel [2Reis]
11. 1Reis [3Reis]
12. 2Reis [4Reis]
13. 1Crônicas [1Paraleipômenos]
14. 2Crônicas [2Paraleipômenos]
15. 1Esdras (Apócrifo)
16. 2Esdras [Esdras e Neemias, canônicos]
17. Ester (com os acréscimos dos capítulos apócrifos)
18. Judite (Apócrifo)
19. Tobias (Apócrifo)
20. 1Macabeus (Apócrifo)
21. 2Macabeus (Apócrifo)
22. 3Macabeus (Apócrifo)
23. 4Macabeus (Apócrifo)
Livros Poéticos ou Sapienciais
24. Salmos
25. Odes (Apócrifo)

26. Provérbios
27. Eclesiastes
28. Cântico dos Cânticos
29. Jó
30. Sabedoria de Salomão (Apócrifo)
31. Sabedoria do Filho de Siraque [Eclesiástico] (Apócrifo)
32. Salmos de Salomão (Apócrifo)
Livros Proféticos
33. Oseias
34. Amós
35. Miqueias
36. Joel
37. Obadias
38. Jonas
39. Naum
40. Habacuque
41. Sofonias
42. Ageu
43. Zacarias
44. Malaquias
45. Isaías
46. Jeremias
47. Baruque (Apócrifo)
48. Lamentações
49. Epístola de Jeremias (Apócrifo)
50. Ezequiel
51. Susana (Apócrifo)
52. Daniel (Acrescida a obra apócrifa, Oração de Azarias, no capítulo 3)
53. Bel e o Dragão (Apócrifo)

Anexos

Anexo 1A – Papyri Bodmeriani — Salmos 21.8—22.15 [20.7—21.15], datado entre 275 e 325 d.C.

Anexo 1B – Reconstituição do Papyri Bodmeriani — Salmos 21.8—22.15 [20.7—21.15].

Anexo 2A – Héxapla, Fragmento de Milão — Salmos 28 [27].

Anexo 2B – Héxapla, Fragmento de Milão.

Anexo 3 – Doze Profetas de Naḥal Ḥever — Zacarias 8.19—9.5.

Anexo 4 – Papiro Fouad 266 — Deuteronômio 31.28—32.6.

Anexo 5 – *Codex Vaticanus* — 1 Samuel 17.44—18.22.

Anexo 6 – Começo da Poliglota Complutense, Gênesis 1.

Anexo 1a



Salmos 21.8—22.15 [20.7—21.15] da Septuaginta Papiro datado entre 275 e 325 d.C.
Papyri Bodmeriani – Bibloteca Bodmer, Cologny – Suíça.

Anexo 1b

8 προσωπου σου ' οτι ε]λπιζει επ
9 και εν τω ελεει του υψιστου ο[
ρεθειη η χειρ σου εν πασι τοις
η δεξια σου ευροι παντας τους
10 σε ' θησεις αυτους εις κλιβανοι
ρον προσωπου σου κε κε εν ορ
ξεις αυτους· και καταφαγετε αι
11 το καρπον αυτων απο της γης
και το σπερμα αυτων απο υϊων
12 οτι εκλιναν εις σε κακα διαλο[γ
13 βουλας ας ου μη δυνωνται στη
σεις αυτους νωτον εν τοις επι[λ
14 ετοιμασεις το προσωπον αυτω[ι
τι κε εν τη δυναμει σου α[σομε
μεν εν ταις δυναστειαις [σου '
1 εις το τελος υπερ της αντιλ[ημ
εωθινης ψαλμος τω δαυιδ ' [
2 κβ ο θς ο θς μου προσχες μου ϊν[
πες με· μακραν απο της ρ[ωτη
3 οι λογοι των παραπτωματω[ν μ
καικραξομαι ημερας προς [σε κ
σης μου [[και]] νυκτος· και ουι
4 συ δε εν αγιοις κατοικεις ο ε[π
5 επι σοι ηλπισαν οι πατερ[ες ημ
6 πισαν και ερυσω αυτους ' πρ[ο

και εσωθησαν· επι σοι ηλπ[ισαν και ου κα
7 τησχυνθησαν· ' εγω δε ειμ[ι σκωληξ
και ουκ ανος· ονειδος ανων [και εξουδε
8 νημα λαου· ' παντες οι [[ε]]θεω[ρουντες με
εξεμυκτηρισαν με και ελα[λησαν εν χει
9 λεσι εκεινησαν κεφαλην· ' [ηλπισεν επι
κν· ρυσασθω αυτον σωσατω [αυτον ει εθε
10 λησεν αυτον· ' οτι συ ει ο· εκσπ[ασας με εκ γα
στρος· η ελπις μου απο μασθ[ων της μητρος μου '
11 επι σε επεριφην εκ μητρας [εκ κοιλιας μη
12 τρος μου ο θς μου ει συ· ' μη α[ποστης απ ε
μου οτι θλιψις εγγυς· οτι ουκ ε[στιν ο βοηθων '
13 περιεκυκλωσαν με μο[σχοι πολλοι
14 ταυροι πλειονες περιεσχο[ν με ' ηνοιξαν
επ εμε στομα αυτων· ως [λεων ο αρπαζων
15 και ορυ[ο]μενος· ' ωσει υδ[ωρ εξεχυθην

Reconstituição do Papyri Bodmeriani — Salmos 21.8—22.15 [20.7—21.15]. Observe os *Nomina Sacra*, todas as formas abreviadas com um traço supralinear.



Héxapla, Fragmento de Milão — Salmos 28 [27].
Fonte: WÜRTHWEIN, Ernst. *The Text or The Old Testament*, p. 189

Anexo 2b

34. *THE HEXAPLA FRAGMENTS OF MILAN*

Illustration and transcription (Ps. 28[27]:6f.) from the edition mentioned on p. 56, with the Hebrew column added from MT.

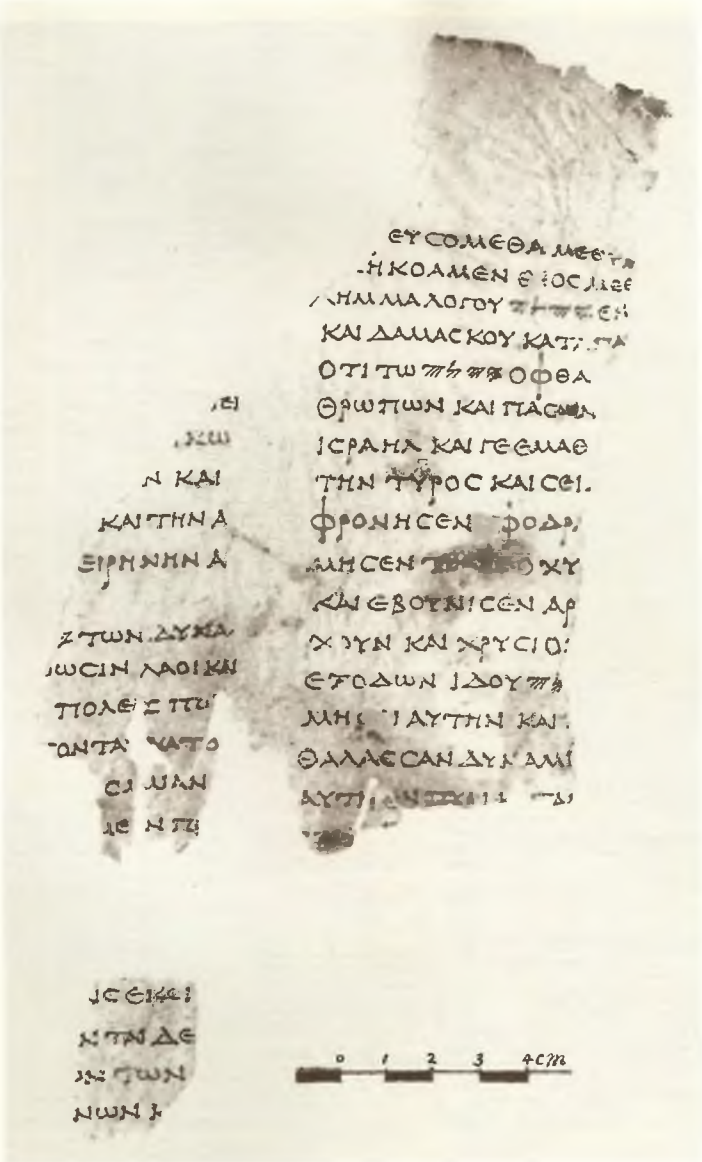
MT	Transliteration	Aquila	Symmachus	Septuagint	Quinta
יְהוָה	יהוה	יהוה	יהוה	יהוה κς	יהוה
כִּי	χι	ὅτι	ὁ	ὅτι	ὅτι
שָׁמַע	σμας	ἤκουσε	ἐπακούσας	εἰσήκουσε	εἰσήκουσε
קוֹל	κωλ	φωνῆς	τῆς φωνῆς	τῆς φωνῆς	τῆς φωνῆς
תַּחֲנוּנָי	θανουναι	δεήσεώς μου.	τῆς ἱκεσίας μου	τῆς δεήσεώς μου.	τῆς δεήσεώς μου.
יְהוָה	יהוה	יהוה	יהוה	יהוה κς	יהוה
עֻזִּי	ὀζει	κράτος μου	ἰσχύς μου	βοηθός μου	βοηθός μου
וּמָגִנִּי	οὐμαγεννη	(καὶ) θυρεός μου·	καὶ ὑπερασπιστής μου·	καὶ ὑπερασπιστής μου·	καὶ ὑπερασπιστής μου·
בּוֹ	βω·	ἐν αὐτῷ	αὐτῷ	ἐν αὐτῷ	ἐν αὐτῷ
בָּטַח	βατε	ἐπεποίθησεν	ἐπεποίθησεν	ἤλπισεν	ἤλπισεν
לִבִּי	λεββι	καρδία μου,	ἡ καρδία μου,	ἡ καρδία μου,	καρδία μου,
וְנֶעְזָרְתִּי	ου· νάζερθι	(καὶ) ἐβοηθήθην,	καὶ ἐβοηθήθην,	καὶ ἐβοηθήθην,	(καὶ) ἐβοηθήθην,
וַיַּעֲלֹז	ουαιαλεζ	καὶ ἠγουριάσατο	(καὶ) ἠλαρύνθ(η)	καὶ ἀνέθαλεν	καὶ ἐκραταιώθ(η)
לִבִּי	λεββι	καρδία μου·	ἡ καρδία μου·	ἡ σάρξ μου·	ἡ καρδία μου·
וּמִשִּׁירִי	οὐμεσιρι	(καὶ) ἀπὸ αἱσματό(ς) μου	καὶ ἐν ᾠδαῖς μου	καὶ ἐκ θελήματός) μου	(καὶ) ἀπὸ τοῦ ἄσματός μου
אֲהוֹדֶנּוּ	αωδεννου	ἐξομολογήσωμ(αι) αὐτ(ῷ.)	ὑμνήσω αὐτόν.	ἐξομολογήσομαι αὐτ(ῷ.)	ἐξομολογήσομ(αι) αὐτ(ῷ.)
יְהוָה	יהוה	יהוה	יהוה	יהוה κς	יהוה
	ὀζει	κράτος μου	ἰσχύς μου	βοηθός μου	βοηθός μου
	οὐμαγεννι	καὶ θυρεός μου	καὶ ὑπερασπιστὴς μου·	καὶ ὑπερασπιστὴς μου·	καὶ ὑπερασπιστής μου·
	βω	ἐν αὐτῷ	αὐτῷ	ἐν αὐτῷ	ἐν αὐτῷ

188

Hexapla, Fragmento de Milão.

Fonte: WÜRTHWEIN, Ernst. *The Text or The Old Testament*, p. 188.

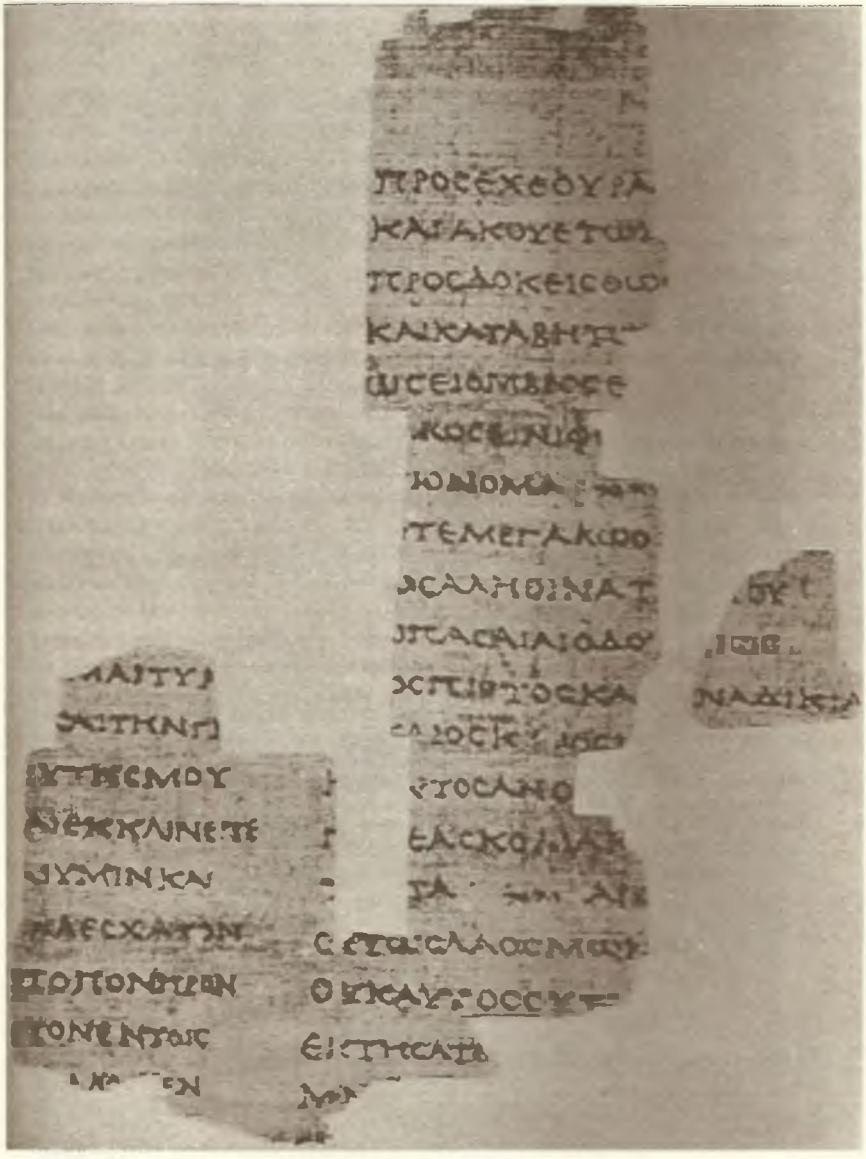
Anexo 3



Doze Profetas de Nahal Hever — Zacarias 8.19—9.5. Veja o Tetragrama com letras hebraicas arcaicas (paleo-hebraicas) nas linhas 3, 5 e 13.

Fonte: TOV, Emanuel. *Textual Criticism of the Hebrew Bible*, p. 401.

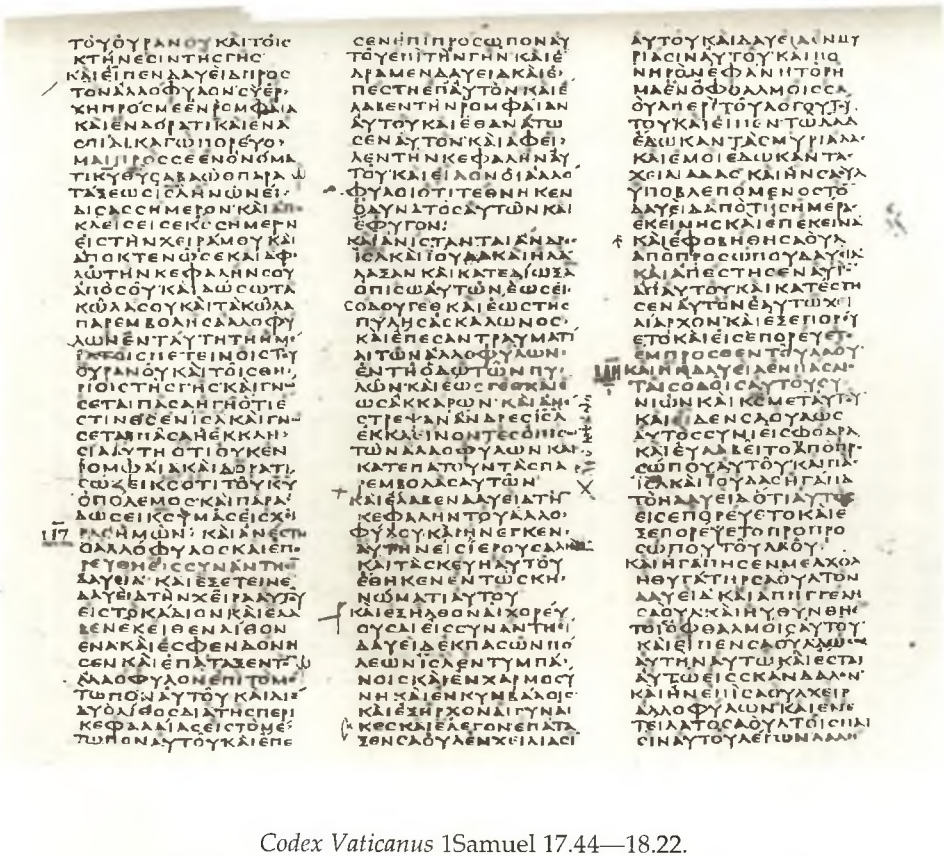
Anexo 4



Papiro Fouad 266 — Deuteronômio 31.28-32.6. Veja o Tetragrama com letras hebraicas arcaicas (paleo-hebraicas) nas linhas 7 e 15.

Fonte: WÜRTHWEIN, Ernst. *The Text or The Old Testament*, p. 179.

Anexo 5



Codex Vaticanus 1Samuel 17.44—18.22.

Fonte: TOV, Emanuel. *Textual Criticism of the Hebrew Bible*, p. 399.

Anexo 6



Começo da Poliglota Complutense, Gênesis 1.

Referências Bibliográficas

Breve bibliografia comentada

Segue uma lista de obras específicas, gramática, léxicos e concordância, para quem deseja estudar a LXX.

Gramática

Frederick Cornwallis Conybeare, professor da Universidade de Oxford, e St. George Stock, professor da mesma universidade e da Universidade de Birmingham, prepararam, em 1900, a *Grammar of Septuagint Greek (Gramática da Septuaginta Grega)*. A Hendrickson Publishers publicou, em 2004, uma edição ampliada, com textos gregos selecionados da LXX, notas explicativas no rodapé, introdução de cada texto, índice das palavras gregas usadas na *Gramática* e um vocabulário das palavras da LXX. Em 2003, a editora Georg Olms Verlag, de Hildersheim, Alemanha, reeditou o texto inglês de 1909, *A Grammar of the Old Testament in Greek*, de H. Thackeray.

Léxico

A Sociedade Bíblica Alemã publicou em 1992 o primeiro volume de *A Greek-English Lexicon of the Septuagint (Um Léxico Grego-Inglês da Septuaginta)*,

da autoria de J. Lust, E. Eynikel e K. Hauspie. Em 1996, publicou o segundo volume e, em 2003, foi lançada uma edição revisada em um só volume. São indicados os vocábulos que aparecem no Novo Testamento e os que são neologismos. Foi publicado, em 1993, pela Peeters Louvain, *A Greek-English Lexicon of the Septuagint — Twelve prophets (Um Léxico Grego-Inglês da Septuaginta — Doze Profetas)* da autoria de Takamitsu Muraoka.

Concordância

Dois eruditos, no final do século XIX, Edwin Hatch M.A., D.D., e Henry A. Redpath, M.A., publicaram *A Concordance to the Septuagint and the Other Greek Versions of the Old Testament (Including the Apocryphal Books)*. A última edição foi lançada pela Baker Book House, em 1998. Importante obra, ela apresenta cada palavra grega com a (s) palavra (s) hebraica (s) correspondente (s), pois os tradutores da LXX, inúmeras vezes, usaram um termo para traduzir diversas palavras hebraicas.

T. Muraoka preparou, ainda, a *Hebrew/Aramaic Index to the Septuagint - Keyed to the Hatch-Redpath Concordance*, publicada, em 1998, pela Baker Book House. Trata-se de uma lista completa e simplificada das palavras gregas com seus respectivos termos hebraicos, sem as referências bíblicas e sem tradução para o inglês.

Outros estudos

A obra *Introduction to the Old Testament in Greek*, da autoria de H. B. Swete é o primeiro e mais completo estudo sobre a LXX publicado em 1900. Serviu como importante fonte de pesquisa no século XX. Depois dela, muitos estudos surgiram.

Quem deseja ampliar seus conhecimentos no campo da história, da língua, do texto e do cânon há na língua portuguesa um importante estudo, *A Bíblia grega dos Setenta*, publicada pelas Edições Loyola, em 2007. Trata-se de um trabalho acadêmico incluindo uma vasta bibliografia, preparado pela co-coordenadora do projeto de tradução da Septuaginta para o francês, *La Bible d'Álexandrie*, Marguerite Harl, e seus colaboradores Gilles Dorival e Olivier Munnich. São nove capítulos distribuídos em três partes: *A História da Septuaginta no Judaísmo Antigo, O Texto da Septuaginta*

e Seus Problemas e *A Septuaginta no Cristianismo Antigo*. A obra chegou ao Brasil com uma defasagem de quase 20 anos, mas é de grande utilidade para quem deseja se aprofundar nessa área.

Outra obra recomendada é *The Septuagint and Modern Study*, de Sidney Jellicoe, publicada em 1968 e reeditada em 1989. Trata-se de um estudo avançado, com uma extensiva bibliografia e tabelas de manuscritos. O trabalho está dividido em duas partes principais. A primeira, *Origem e Transmissão histórica*, e a segunda, *Texto e Língua*. No ano 2000, Karen H. Jobes e Moisés Silva publicaram *Invitation to the Septuagint*, estudo erudito e atual que vai desde a introdução básica até os estágios mais avançados, abrangendo língua, interpretações, notas exegéticas, edições modernas da LXX e a pesquisa atual.

Bíblias

ALAND, Kurt e outros (editores). *The Greek New Testament*. Stuttgart, Germany: Deutsche Bibelgesellschaft/United Bible Societies, 1994.

BRENTON, Sir Lancelot C. L. (editor). *The Septuagint with Apocrypha: Greek and English*. Peabody, MA, USA: Hendrickson Publishers, 2001.

BROOKE, Alan England, B.D. e MCLEAN, Norman, M. A. *The Old Testament in Greek According to the Text of Codex Vaticanus, Supplemented from Other Uncial manuscripts, with a Critical Apparatus Containing the Variants of the Chief Ancient Authorities for the Text of the Septuagint* (Part II, Exodus and Leviticus). London, England: Cambridge University Press, 1909.

ELLIGER, K. e RUDOLF, W. (editores). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart, Germany, 1988.

GRYSON, Roger (editor). *Biblia Sacra - Iuxta Vulgatam Versionem* (Vulgata Latina). Stuttgart, Germany: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

MARCOS, Natalio Fernández; DÍAZ-CARO, María Victoria Sporttono; REÍLLO, José Manuel Cañas. *La Biblia Griega Septuaginta – I. Pentateuco*. Salamanca, España, Ediciones Sígueme, 2008.

PIETERSMA, Albert; WRIGHT, Benjamin. *A New English Translation of the Septuagint.* New York – Oxford, USA — UK: Oxford University Press, 2007.

RAHLFS, Alfred (editor). *Septuaginta*, 2 vols. Stuttgart, Germany: Deutsche Bibelstiftung, 1935.

RAHLFS, Alfred e RANHART, Robert. *Septuaginta, Editio Altera.* Stuttgart, Germany: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

TISCHENDORF, Constantin von. *Vetus Testamentum Graece*, 2 vols. 6ª ed. Eugene, Oregon: Wipf and Stock Publishers, 2007.

WESTCOTT, B. F. e HORT, F. J. A. *The Greek New Testament with Dictionary.* Peabody, MA, USA: Hendrickson Publishers, 2007.

Outras obras

AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus*, 2 partes, 3ª. ed., São Paulo: Vozes, 1991.

_____ . *A Doutrina Cristã*. São Paulo: Paulus, 2002.

ALEJANDRIA, Clemente de. *Stromata I*. Madrid, España: Editorial Ciudad Nueva, 1996.

AMENÓS, Jaime Berenguer. *Gramática Griega*. Barcelona, España: Editorial Bosch, 2003.

ARCHER JR. Gleason L. *Merece Confiança o Antigo Testamento?* S. Paulo: Vida Nova, 1974.

BARRERA, Julio Trebolle. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BENTZEN, A. *Introdução ao Antigo Testamento*, 2 vols. S. Paulo: ASTE, 1968.

BERARDINO, Angelo di (editor). *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis RJ/S. Paulo: Editora Vozes/Paulus, 2002.

CESAREIA, Eusébio. *História Eclesiástica,* 4ª. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2003.

_____ . *La Préparation Évangélique.* Paris, França: Les Éditions du Cerf, 1975.

CONYBEARE, F. C. e STOCK, St. George. *Grammar of Septuagint Greek.* Boston, USA: Hendrickson Publishers, 2004.

DINES, Jennifer M. *The Septuagint.* London-New York: T & T Clark International, 2005.

FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia Hebraica,* 2ª ed., São Paulo: Edições Vida Nova, 2005.

FREEDMAN, David Noel (editor chefe). *The Anchor Bible Dictionary,* 5 vols. New York, USA: Doubleday, 1992.

FREEMAN, Hobart E. *An Introduction to the Old Testament Prophets.* Chicago, IL, USA: Moody Press, 1979.

FREIRE, Antônio, S. J. *Gramática Grega.* São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GONZALEZ, Justo L. *Uma História do Pensamento Cristão,* 3 vols. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

HARL, Marguerite; DORIVAL, Gilles; MUNNICH, Olivier. *A Bíblia Grega dos Setenta – Do Judaísmo Helenístico ao Cristianismo Antigo.* São Paulo: Edições Loyola, 2007.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina.* Rio de Janeiro: Jorge Zohar Editor, 1987.

HATCH, Edwin, M.A., D.D. e REDPATH, Henry A. M.A. *A Concordance to the Septuagint and the Other Greek Versions of the Old Testament (Including the*

Apocryphal Books), 3 vols. Grand Rapids, MI, USA: Baker Book House, 1989.

HERÓDOTO, *História*, 2 vols., 2ª. ed., Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990.

HORTA, Guida Nedda Barata Parreiras. *Os Gregos e Seu Idioma*, 2 vols. Rio de Janeiro: Editora J. Di Giorgio & Cia. Ltda., 1983, 1991.

IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. S. Paulo: Paulus, 1995.

JELLICOE, Sidney. *The Septuagint and Modern Study*. London, England: Oxford University Press, 1968.

JOBES, H. Karen e SILVA, Moisés. *Invitation to the Septuagint*. Grand Rapids, MI, USA: Baker Book House, 2000.

JONES, Stuart e MCKENZIE. *Greek-English Lexicon Liddell & Scott*. London: Oxford University Press, 1968.

JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*, 8ª. ed., Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004.

JUSTINO, Mártir. *Justino de Roma*, 2ª. ed., S. Paulo: Paulus, 1995.

LEIMAN, Sid Z. *The Canonization of Hebrew Scripture: The Talmud and Midrash Evidence*. Hamdem, Connecticut, USA: Archon Books, 1976.

LUST, J., EYNIKEL, E. e HAUSPIE, K. *A Greek — English Lexicon of the Septuagint*, 2 vols. Stuttgart, Germany: Deutsche Bibelgesellschaft, 1992, 1996.

MACHO, A. Diez. *Los Apócrifos del Antiguo Testamento*, vol. II. Madrid, España: Ediciones Cristianidad, 1983.

MARCOS, Natalio Fernández. *Introducción a las Versiones Griegas de la Biblia.* Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1979.

_____ . *La Septuaginta en la Investigación Contemporanea.* Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1985.

_____ . *Septuaginta – La Bíblia Griega de Judíos y Criastianos.* Salamanca, España: Ediciones Sígueme, 2008.

MORGAN, Bárbara J. *The Bible Through the Ages.* Pleasantville, NY, USA: Reader´s Digest, 1996.

MURAOKA, Takamitsu. *A Greek-English Lexicon of the Septuagint – Twelve Prophets.* Leuven, Germany: Peeters Lovain, 1993.

_____. *Hebrew/Aramaic Index to the Septuagint - Keyed to the Hatch-Redpath Concordance.* Grand Rapids, MI, USA: Baker Book House, 1998.

ORÍGENES. *Contra Celso.* São Paulo: Paulus, 2004.

PELLETIER, André. *Lettre D'Aristée a Philocrate.* Paris: Les Éditions du Cerf, 1962.

PHILO *The Workes of Philo,* (YONGE, C. D. Editor). Grand Rapids, MI, USA: Hendrickson Publishers, 2002.

PINKUSS, Frederico. *Gramática Hebraica.* São Paulo: Editora Anchieta, 1948.

SOARES, Esequias. *Visão Panorâmica do Antigo Testamento.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2003.

SWETE, Henry Barclay. *Introduction to the Old Testament in Greek.* Peabody, MA, USA: Hendrickson Publishers, 1989.

TÁBET, Miguel Ángel. *Introducción General a la Biblia.* Madrid, España: Ediciones Palabra, 2004.

TERTULIANO. *El Apologético.* Madrid, España: Editorial Ciudad Nueva, 1997.

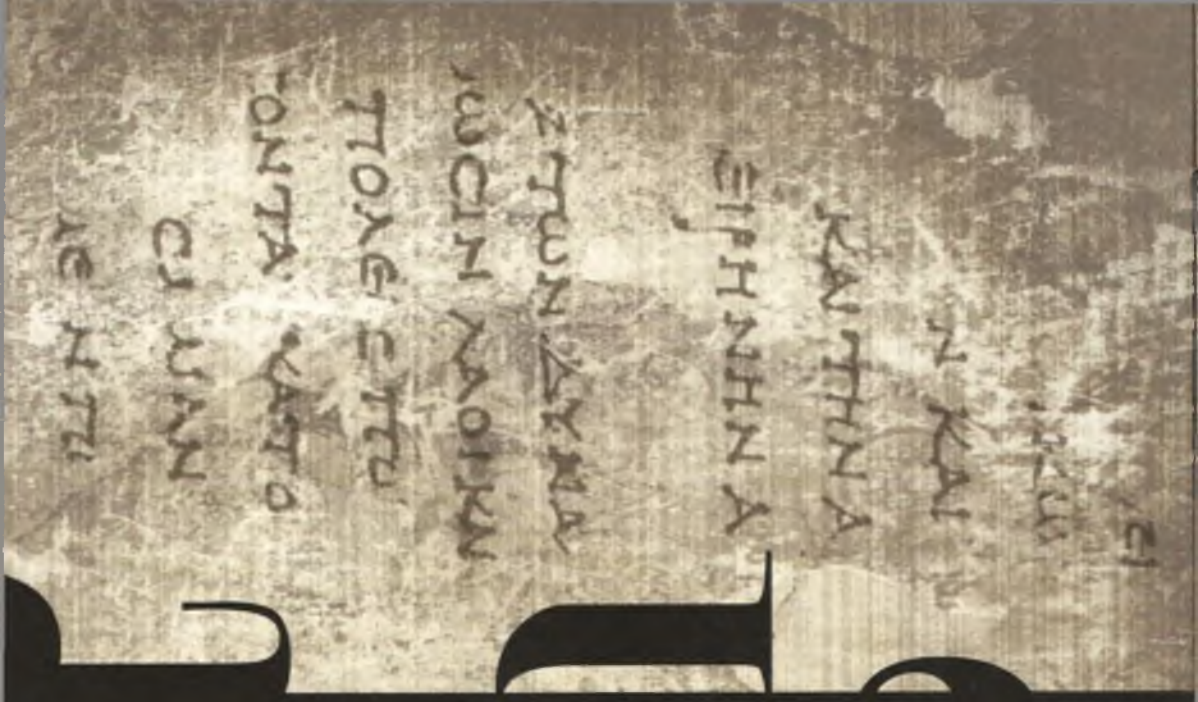
THACKERAY, H. St. J. *A Grammar of the Old Testament in Greek.* Andernach, Germany: Georg Olms Verlag, 2003.

_____ . *The Letter of Aristeas.* Eugene, Oregon, USA: Wipf and Stock Publishers, 2003.

_____ . *The Septuagint and Jewish Worship — A Study in origins.* London, England: Humphrey Milford, Oxford University Press, 1923.

TOV, Emanuel. *Textual Criticism of the Hebrew Bible,* 2ª ed., Minneapolis, USA: Fortress Press and Royal Van Gorcum, 2001.

WÜRTHWEIN, Ernst. *The Text of the Old Testament.* Grand Rapids, MI, USA: Eerdmans Publishing Company, 1992.



Septuaginta – guia histórico e literário destina-se a oferecer uma interpretação e um panorama histórico e literário da primeira tradução da Bíblia desde a sua origem até os dias atuais, abrangendo história, cânon, língua, texto e edições modernas. Seu objetivo é mostrar a necessidade de se conhecer a Septuaginta para entender o Novo Testamento e saber o que aconteceu com os textos hebraico e grego nos anos que precederam a fixação do Cânon Sagrado do Antigo Testamento.

ISBN 978-85-7742-058-2

9 788577 420582

Categoria: referência

HAGNOS